EMERITA
Empresa Portuguesa de Arqueologia

Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)



Mário Monteiro
João Carlos Caninas
Hugo Pires

Maio 2017

Ficha Técnica

Projecto	Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)
Âmbito / Fase	RECAPE / Fase Prévia
Concelho (freguesias)	Silves (União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra)
Processo DRCAlg	DRCAlg/2017/08-13/30/PATA/8351
Proprietário	Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.
Equipa	**Coordenação:** Mário Monteiro* **Pesquisa documental**: Mário Monteiro **Trabalho de campo:** Mário Monteiro e João Carlos Caninas* **Relatório**: Mário Monteiro e João Carlos Caninas. **Fotografia**: Mário Monteiro **Levantamento Fotogramétrico:** Hugo Pires **Revisão:** João Caninas* *Arqueólogo.
Data de execução	9 e 10 de Maio de 2017
Área de estudo	Área de Estudo (AE): corresponde aos traçados dos acessos do loteamento e dos acessos gerais.

Abreviaturas

AE	área de estudo
AI	área de incidência directa do projecto
CMP	Carta Militar de Portugal
CGP	Carta Geológica de Portugal
EIA	Estudo de Impacte Ambiental
DGPC	Direção-Geral do Património Cultural
DRCAlg	Direção Regional de Cultura do Algarve
IHRU	Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana
Km	quilometro
PP	Plano de Pormenor
m	metro
nº	número
Oc.	Ocorrência
PDM	Plano Director Municipal
UE	Unidade de Execução
ZE	Zona de Enquadramento da área de incidência do projecto

Índice

Situação de Referência	Introdução Metodologia Pesquisa documental Súmula Histórica Trabalho de campo Trabalhos Efectuados - Resultados Caracterização da actual ocupação do solo Levantamento Fotogramétrico
Medidas Complementares	Justificação e Medidas a Implementar
Lacunas de Conhecimento	
Quadros	Quadro 1. Ocorrências do factor Património Cultural abrangidas
Anexos	Anexo 1. Fichas Individuais de Ocorrências caracterizadas em trabalho de campo Anexo 2. Zonamento da prospecção arqueológica Anexo 3. Registo fotográfico geral Anexo 4. Figuras Anexo 5. Figuras do Levantamento Topográfico e Fotogramétrico Anexo 6. Ficha de trabalho arqueológico

SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

Introdução

A área de intervenção do Plano de Pormenor da Praia Grande, com 359 ha, está inserida na freguesia de Armação de Pêra, pertencente ao concelho de Silves, União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra e é delimitada a Sudoeste pelo Oceano Atlântico, a Sudeste pela ribeira de Espiche, a Noroeste pela ribeira de Alcantarilha e a Nordeste pela estrada municipal 526.

Os empreendimentos turísticos previstos no PP dividem-se em cinco UE, das quais a UE1 é a mais importante em termos de alojamento turístico. A unidade de execução 1, âmbito do presente estudo, corresponde ao núcleo central do plano, localizando-se nela, para além dos referidos alojamentos, o campo de golfe e o lote destinado ao comércio.

A DIA contém uma lista de 19 elementos a apresentar em sede de RECAPE, correspondendo os trabalhos que seguidamente serão descritos à Execução de Medidas de Minimização, decorrentes da elaboração do PP, sobre as infraestruturas viárias, as quais não apresentam alterações relativamente ao Estudo Prévio sujeito a AIA.

Nesta fase, prévia ao início das obras, as acções a executadas incidiram sobre:

Acção 1 - (p.3, Medida 12, da DIA) Prospecção sistemática nos acessos do loteamento e acessos gerais em corredores de 200m centrados no eixo dos acessos (Figuras 1, 2 e 3).

Acção 2 - (p. 4, Medida 25 da DIA) Incidiu nas ocorrências patrimoniais: 1 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 2 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 19 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 12 - Praia Grande 5, Casal rural; 15 - Morgado das Relvas, Eira; 17 - Morgado das Relvas, Conjunto habitacional; 18 - Morgado das Relvas, Edifício de apoio agrícola. Nestas sete ocorrências, localizadas na área de incidência, foi realizado o registo fotográfico, topográfico (realizado por técnico especializado) e descritivo de modo a salvaguardar o seu conhecimento para memória futura. A sinalização e vedação das ocorrências a preservar serão realizadas em fase de obra.

De modo a verificar a proximidade das ocorrências de âmbito arqueológico e respectivas manchas de dispersão de materiais relativamente aos traçados das infraestruturas viárias, efectuou-se a prospecção nas áreas das Ocorrências patrimoniais: 3 – Morgado das Relvas 2; 13 – Pixorra 1; 21 – Morgado das Relvas 4.

A área de incidência, correspondente à UE1, desenvolve-se num terreno dominantemente arenoso de morfologia muito plana com cotas compreendidas entre cerca de 1 m na margem da ribeira de Alcantarilha e 23 m no vértice geodésico de Relvas no sector nordeste da área. É composta por calcarenitos e siltitos da Praia Grande, do Miocénico Inferior, e areias e siltes da Praia da Falésia, do Miocénico Médio (CGP, 1981, Folha 52-B), formando uma linha de separação das bacias hidrográficas da ribeira de Alcantarilha, localizada a Noroeste, e da ribeira de Espiche, a Sudeste, onde predominam os aluviões modernos associados às ribeiras.

O layout fornecido pelo cliente indica a localização da AI do Projecto, em extracto da CMP na escala 1:25.000 (Figura 1), em ortofotomapa (Figura 2) e em Levantamento Topográfico actualizado (Figuras 3 e 4).

Metodologia

Foi efectuada uma pesquisa documental prévia, aplicada à AI do projecto, tendo como finalidade caracterizar o seu potencial arqueológico, arquitectónico e etnográfico.

Os trabalhos realizados consistiram em:

1. Prospecção sistemática nos acessos do loteamento e acessos gerais em corredores de 200m centrados no eixo das vias, com relocalização das ocorrências de âmbito arqueológico e respectivas manchas de dispersão de materiais relativamente aos traçados das infraestruturas viárias.

   Como âmbito da prospecção arqueológica consideraram-se achados (isolados ou dispersos), construções, monumentos, conjuntos, sítios e, ainda, indícios - toponímicos, topográficos ou de outro tipo -, de natureza arqueológica, arquitectónica e etnográfica, independentemente do seu estatuto de protecção ou valor cultural. Estes dados são denominados, de forma abreviada, como ocorrências.

2. Registo fotográfico, topográfico e descritivo de modo a salvaguardar o seu conhecimento para memória futura das ocorrências arquitectónicas e etnográficas que serão directamente afectadas pelos traçados das infraestruturas viárias ou poderão ser indirectamente afectadas por se encontrarem contiguamente a estas.

As ocorrências identificadas na pesquisa documental e no trabalho de campo estão listadas no **Quadro 1** e caracterizadas com maior detalhe no **Anexo 1**.

A área prospectada e respectivo zonamento (visibilidade do solo) estão cartografados na **Figura 2** e descritos no **Anexo 2**.

Os **N.º** de referência das ocorrências utilizados nos quadros e referidos no texto, correspondem às localizações cartografadas nas figuras utilizadas, não tendo sido alterada a numeração relativamente aos estudos anteriores, sendo a numeração das novas ocorrências acrescentada a partir da última listada no âmbito do EIA (N.º 20).

Relativamente às ocorrências sobre as quais incidiram os trabalhos, a sua descrição, atribuição de valor cultural, cronologia e tipologia, foi efectuado de acordo com os critérios e o observado pela equipa responsável nesta fase, não sendo por vezes concordante com a anteriormente atribuída.

Pesquisa Documental

As fontes de informação utilizadas incluíram os estudos anteriores, bibliografia específica sobre património cultural, o Plano Director Municipal de Silves (PDM), as bases de dados de organismos públicos com tutela sobre o Património, nomeadamente da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC - Endovélico) e do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), a cartografia geológica (CGP) e militar (CMP). Na AI não existem imóveis classificados ou em vias de classificação.

De acordo com a Caracterização Patrimonial para o Plano de Pormenor, realizada em 2007, e o Estudo de Impacte Ambiental da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande, 2013, em fase de Estudo Prévio, na área de incidência encontram-se referenciados os seguintes sítios arqueológicos (ver figuras 1 a 3):

3. Morgado das Relvas 2 (CNS 33915), Mancha de dispersão, Contemporâneo: *"A noroeste dos celeiros ID 1 e 2, numa paisagem sem acidentes de relevo, surge uma pequena plataforma que se distingue pela presença de algumas árvores, foi possível identificar uma grande concentração de pedras e alguma*

cerâmica comum bastante fracturada. Foi ainda uma mó circular de pequenas dimensões." (NEMUS, 2007).

5. Morgado das Relvas 3 (CNS 33916), Mancha de Ocupação, Moderno (?): *"A cerca de 20m a Este da ribeira de Alcantarilha e imediatamente a Norte do ID4, sobre uma área de relevo pouco acentuado, mas com destaque para quem surge de Sul, identificou-se uma mancha concentrada de materiais em torno de uma amendoeira existente no local. Os materiais observados correspondem a cerâmica comum e a escórias."* (NEMUS, 2007).

7. Morgado das Relvas 1 (CNS 6774), Estação de Ar Livre, Paleolítico: *"Entre o Vértice Geodésico das Relvas e a Estrada Nacional 526 identificaram-se alguns elementos líticos, nomeadamente sobre quartzito e sobre …. Os limites físicos do sítio são difíceis de estipular dada a densa vegetação que existe no local. A vegetação também dificultou a identificação de material, sendo o conjunto identificado bastante reduzido."* (NEMUS, 2007).

10. Praia Grande 1 (CNS 33917), Casal Rústico, Medieval: *"Em topo de plataforma isolada, que surge imediatamente a Norte do cordão dunar da Praia Grande, identificou-se um conjunto cerâmico que se destaca pela presença de telha grossa (com cerca de 1,5cm de espessura) e por cerâmica comum de pasta beije. Apesar dos materiais serem escassos, é possível perceber uma concentração no topo do cabeço."* (NEMUS, 2007).

11. Praia Grande 2, Achado isolado, Medieval: *"A cerca de 150m Nordeste do ID10, identificaram-se dois fragmentos cerâmicos, um bojo e um bordo de grande cântaro, ambos de pasta beije rosada. O local de identificação caracteriza-se por ser uma zona plana e baixa, entre a duna fóssil e o cordão dunar da Praia Grande. Pela proximidade ao ID10 e pelas características da sua localização, pensa-se que os materiais poderão ser dai originários."* (NEMUS, 2007).

13. Pixorra 1 (CNS 33918), Casal Rústico, Moderno: "*Numa zona baixa, a Norte da lagoa dos Salgados, identificou-se uma mancha de materiais concentrada, de cerâmica comum e de construção."* (NEMUS, 2007).

Para além dos sítios acima descritos identificou-se na base de dados Endovélico, dentro dos limites da UE1 do PP, a seguinte ocorrência:

21. Morgado das Relvas 4 (CNS 33919), Mancha de Ocupação, Paleolítico e Neolítico: *"Numa grande área numa vertente virada a norte foram recolhidos vários artefactos líticos e cerâmica. Foram identificados núcleos, lascas de quartzito e um fragmento de cerâmica manual."* (Base de dados Endovélico).

Relativamente às ocorrências de âmbito arquitectónico e/ou etnográfico e de acordo com a Caracterização Patrimonial para o Plano de Pormenor, realizada em 2007, e o Estudo de Impacte Ambiental da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande, 2013, em fase de Estudo Prévio, na área de incidência encontram-se referenciados os seguintes:

1. Morgado das Relvas (celeiro 1), Moinho de Vento-Celeiro, Contemporâneo: *"Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira."* (NEMUS, 2007).

2. Morgado das Relvas (celeiro 2), Moinho de Vento-Celeiro, Contemporâneo: *"Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira. O edifício possui pequenas mós colocadas na parede assumindo uma função decorativa"* (NEMUS, 2007).

4. Morgado das Relvas, Caminho, Contemporâneo: *"Os celeiros do Morgado das Relvas estavam ligados à ribeira de Alcantarilha por um caminho de pé postp antigo. Este caminho junto à ribeira está murado,*

registando a entrada do Morgado e a ligação a Armação de Pêra. Neste local a ribeira possui uma ponte precária em madeira utilizada pela população local." (NEMUS, 2007).

6. Morgado das Relvas (celeiro 3), Moinho de Vento-Celeiro, Contemporâneo: *"Estrutura circular de dois pisos. Já não conserva a cobertura. O acesso ao interior faz-se por uma entrada que já não mantém a soleira nem ombreiras. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira."* (NEMUS, 2007).

8. Praia Grande 3, Casal Rural, Contemporâneo: *"Casa rural, de pescador, de uma divisão, com telhado de duas águas em telha portuguesa e com reforço de viga central. Com a entrada virada a Sul. A porta ainda possui ombreiras, apesar de muito danificadas. A Este, fazendo paredes com meias, ainda se pode observar a entrada do que deveria ser um espaço para animais."* (NEMUS, 2007).

9. Praia Grande 4, Casal Rural, Contemporâneo: *"Casa rural em elevado estado de ruína. Possui planta quadrangular com cerca de 6m por 6m. A entrada faz-se por Sul e por Oeste. Possui janela a Oeste. O telhado é de duas águas, não se conservando nenhuma parte da estrutura."* (NEMUS, 2007).

12. Praia Grande 5, Casal Rústico, Moderno(?)-Contemporâneo: *"Casa em banda com várias divisões. Apesar do elevado estado de ruína, é possível perceber que deveria ser de duas águas. A entrada é virada a Sul. Parece ter possuindo um espaço exterior murado. O sistema construtivo é em taipa."* (NEMUS, 2007).

14. Pixorra 2, Poço, Moderno-Contemporâneo: *"Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira."* (NEMUS, 2007).

15. Morgado das Relvas, Eira, Contemporâneo: *"Eira circular de grandes dimensões com murete de 30cm de altura. O topo é boleado. A estrutura parece estar razoavelmente conservada, no entanto, a densidade de mato que se lhe sobrepõem inviabiliza uma leitura mais pormenorizada."* (NEMUS, 2007).

16. Relvas, Moinho de Vento, Contemporâneo: "*Moinho de vento em desusos, em ruínas, mantendo-se apenas a estrutura principal, não havendo vestígios da cobertura. É utilizado como base para vértice geodésico."* (NEMUS, 2007).

17. Morgado das Relvas, Quinta, Contemporâneo: A ocorrência não contém descrição.

18. Morgado das Relvas, Casa, Contemporâneo: A ocorrência não contém descrição.

19. Morgado das Relvas (celeiro 4), Moinho de Vento-Celeiro, Contemporâneo: *"Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira."* (NEMUS, 2007).

20. Pixorra, Casal Rústico, Contemporâneo: *"[…] edifício, parcialmente em ruína, com paredes de taipa e cantaria, de planta retangular, localizado a norte da Lagoa dos Salgados." (ECOBASE, 2013)*.

Súmula histórica

Relativamente ao território administrativo transcreve-se o seguinte resumo histórico: *"Armação de Pêra, conhecida estância de veraneio, alberga nas férias de Verão milhares de pessoas de todo o país à procura do sol, da praia e das águas tépidas do oceano. É também um exemplo flagrante do desordenamento urbanístico que assolou extensas áreas do Algarve desde a década de 60 do século passado.*

Tal como outros centros urbanos do litoral algarvio, Armação de Pêra desenvolveu-se a partir de uma pequena comunidade piscatória, cuja primeira referência escrita conhecida remonta a 1577 na obra Corografia do Reino do Algarve, de Fr. João de São José que ao descrever a aldeia de Pêra observa o seguinte: «Pera é um lugar junto de Alcantarilha, não longe do mar. [...]. Faz o mar defronte dela ua

fermosa praia da banda do sul, na qual está ua armação de atuns que se chama a armação de Pera.». A existência de uma armação de pesca do atum perto de Pêra, na zona de costa hoje conhecida como baía de Pêra, para além de explicar a origem do nome da Armação de Pêra actual, denota que já em 1577 existiria uma pequena comunidade de pescadores sazonalmente ou permanentemente fixada neste território.

Quando por ordem de Filipe II o engenheiro militar italiano Alexandre Massai percorreu a costa do Algarve em 1621 no âmbito de uma viagem de inspecção das infraestruturas defensivas, encontrou no termo da vila de Albufeira « [...] duas Armassois de Atuns mais álem das ásima dittas q se dizem hua dellas pedra de gúale, a otra pera, e a gente e os barquos dellas no tenpo de necessidade se vão âo emparo desta V.ª e portanto digo serem neçess.ºs os mosquettes E a sobreditta Artelharia, estas dittas Armassois ja forão roubadas E saquiadas por falta de defenção, E com perda da faz.da de Sua mag.de [...]» . A comunidade piscatória de Armação de Pêra, não obstante as ameaças dos corsários magrebinos que saqueavam as armações de pesca, parece ter continuado entre 1577 e 1621, ou até se reforçado, visto Alexandre Massai mencionar mais uma armação de pesca na baía de Pêra em 1621 (Pedra da Galé) que Fr. João de São José em 1577 não referencia. Não é possível aferir se a presença piscatória em Armação de Pêra estaria somente restrita à época de pesca do atum (Abril a Agosto), ou se permaneceria no local durante o resto do ano, dedicando-se a outros tipos de pesca. Por factores demográficos, económicos ou por ambos, construiu-se uma pequena fortaleza em 1667, que com a sua guarnição militar reforçou a presença humana em Armação de Pêra.

Aquando do maremoto de 1755, morreram 84 pessoas em Armação de Pêra, tendo ficado de pé apenas uma casa. O estudioso das pescas em Portugal, Constantino Botelho de Lacerda Lobo, na Memória sobre o estado das pescarias do Algarve no ano de 1790, escreve sobre Pêra de Santo António (termo que designava Armação de Pêra na época): «Compõe-se esta povoação de um ajuntamento de cabanas de pescadores que vivem perto do mar em uma praia arreenta; confina do nascente com uma alagoa formada por águas vertentes das colinas vizinhas: ao norte com uma aldeia chamada Pêra de Cima [sendo Armação de Pêra também conhecida como Pêra de Baixo] [...].

Contavam-se no ano de 1790 cento e cinquenta pescadores, os quais trabalham na armação do atum o tempo competente desta pescaria, depois na de diversos peixes do mar com os covãos, nos lugares pedregosos da costa: findas as pescarias feitas com estes aparelhos, gastam o resto do ano em arrastar as xávegas para terra. [...].

Em o ano de 1790 havia oito barcos, de que somente faziam uso para a pescaria daquela costa, em cada um dos quais iam oito ou dez pescadores, e os outros costumam ficar em terra para arrastar os aparelhos. [...] tem tido aumento a pescaria nesta costa; porque no ano de 1790 contavam-se oito barcos, quando em outro tempo somente havia quatro. Também tinha crescido o número dos pescadores, e xávegas.». Segundo o registo deste académico, Armação de Pêra recuperou rapidamente da devastação que sofreu com o maremoto de 1755.

João Baptista da Silva Lopes descreveu em 1841 Armação de Pêra com estas palavras: « Hoje terá hum terço da povoação da outra aldeia [daquela destruída em 1755], composta de pescadores e gente que se emprega no mar; os quaes tem para as suas pescarias 5 lanchas e 4 artes: a mais dominante he a das sardinhas no tempo da passagem, [...] poucos annos ha, ainda era formada só de cabanas, hoje tem boas casas e algumas ricas. [...] Os moradores, fóra da temporada da sardinha, apanhão com os covãos e anzol algum peixe que vendem em fresco; são hum pouco desmazelados, e não se afastão da costa; dão-se a alguns trabalhos do campo, e as mulheres empregão-se em obras de palma. De verão concorrem aqui muitas pessoas a tomar banhos do mar.» Este testemunho contém alguns dados interessantes. Entre 1790 e 1841 Armação de Pêra passa de um agrupamento de cabanas para uma aldeia de casas de alvenaria, facto que pode indiciar um aumento do poder económico dos seus habitantes e a consequente subida da qualidade de vida. Também nestes 50 anos, deixou-se de pescar o atum como ocorria em 1577, 1621 e 1790. Por fim, em 1841, Armação de Pêra já se prefigurava como um destino balnear «pois concorrem aqui muitas pessoas a tomar banhos do mar.»

Em 1885/86 A. A. Baldaque da Silva, no levantamento efectuado sobre o estado das pescas em Portugal, contabiliza em Armação de Pêra 27 embarcações e 176 pescadores. A espécie de maior rendimento económico é a sardinha (7 665$940 réis em 1885 e 6 068$920 réis em 1886), capturada principalmente através das artes de arrastar (xávegas). Regista ainda a existência de uma fábrica de conserva de peixe e a reactivação da armação do atum da Pedra da Galé, cujo pescado dava entrada em Armação de Pêra. Acrescenta Baldaque da Silva que «Alem das pessoas indicadas no mappa antecedente, ha mais um certo numero, não pequeno, de homens e mulheres e menores, que coadjuvam o arrastamento das artes, a conducção da pescaria e muitos outros trabalhos inherentes a esta industria.». Estes números indicam que a comunidade piscatória armacenence reforçou-se demográficamente ao longo de oitocentos, chegando a ter uma vertente industrial com a fábrica de conserva de peixe." (in: http://blog-de-historia.blogspot.pt/2009/02/armacao-de-pera-notas-historicas.html).

Será de referir que não só de pesca subsistia o local. A agro-pecuária era, até há não muitos anos, uma fonte de rendimentos significativa, como testemunham os moinhos de vento existentes, e apenas na área de incidência do projecto são cinco, e as abundantes instalações e estruturas agrícolas cujas ruínas ainda polvilham a paisagem, com as suas marcas e muros a delimitar as propriedades. São estas estruturas testemunhos de uma prática agrícola que não era apenas de subsistência, de campos que eram integralmente cultivados com cereais e vinhas, onde abundavam as figueiras e amendoeiras, onde havia gado a apascentar, como comprovam os caminhos murados para evitar a invasão dos terrenos cultivados pelo gado que circulava para os terrenos de pastoreio. Ainda hoje existem pequenas vinhas e muitos vestígios de outras abandonadas, se vêm rebanhos que se deslocam livremente pelos terrenos agora incultos e permanecem as figueiras e amendoeiras agora embraveadas.

Trabalho de Campo

O trabalho de campo ocorreu em 9 e 10 de Maio 2017 e foi executado por dois arqueólogos e um topógrafo, em condições climáticas adequadas ao bom desenvolvimento dos trabalhos de prospecção.

Como base de trabalho foi utilizada cartografia militar à escala 1:25.000, fotografia aérea, planta de projecto e levantamento topográfico actualizado.

Os trabalhos incidiram sobre as zonas atravessadas pelas infraestruturas viárias e sobre as ocorrências que serão afectadas directamente pelo projecto ou que poderão sê-lo indirectamente, dada a proximidade.

Tendo como finalidade identificar a localização das ocorrências relativamente aos eixos viários, foi atribuído um código alfanumérico às vias primárias (C1, C2, C3 e C4 – acessos gerais que correspondem às vias estruturantes do PP) e às vias secundárias que se constatou atravessarem estruturas, mesmo que estas não tenham sido individualizadas como ocorrências (C5 e C6 – acessos do loteamento, que correspondem às vias de serventia da urbanização), estando estas representadas com um traçado identificativo nas Figuras 3 e 4.

No decurso do trabalho efectuou-se a prospecção sistemática dos corredores de 200m das vias primárias, tendo-se optado pela prospecção integral dos terrenos para loteamento entre a via C4 a sul e a via C6 a norte (Figura 2), dada a profusão de vias secundárias previstas para esta zona.

Foram realizados os registos das ocorrências 1, 2, 12, 15, 17, 18 e 19 e a relocalização das ocorrências 3, 13 e 21.

No âmbito dos trabalhos realizados não se identificaram vestígios arqueológicos, todavia, identificou-se uma nova ocorrência cuja categoria, tipologia e valor cultural são indeterminados (Oc. 22).

Trabalhos efectuados - Resultados

Descrevem-se aqui as ocorrências abrangidas nesta fase do PP e relações de proximidade com as infraestruturas viárias, estando caracterizadas detalhadamente no Anexo 1.

Previamente foi realizada uma desmatação do coberto herbáceo na envolvente, e quando necessário no interior, das ocorrências de âmbito arquitectónico e etnográfico a registar, até cerca de 1m para o exterior destas.

- 1 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: tendo sido classificado com a tipologia de Celeiro com elevado valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Tipologicamente trata-se de um Moinho de Vento posteriormente adaptado a celeiro. Relativamente ao valor cultural, considera-se que de facto é uma estrutura com interesse patrimonial que deverá ser preservada, todavia, pela sua cronologia recente, por não ser um tipo de estrutura pouco comum e por não apresentar monumentalidade tem um valor cultural médio.

  Moinho de Vento a preservar de acordo com o preconizado na DIA (medida 4 da DIA, p. 3). A ocorrência foi registada nesta fase, estando associada às Fotografias 01 a 12 (Anexo 3), à Figura 5 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_1 (Anexo 5). Contudo, devido ao entulho que cobre os pisos interiores considera-se que permanecem pormenores por registar.

- 2 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: tendo sido classificado com a tipologia de Celeiro com elevado valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Tipologicamente trata-se de um Moinho de Vento posteriormente adaptado a celeiro. Relativamente ao valor cultural, considera-se que de facto é uma estrutura com interesse patrimonial que deverá ser preservada, todavia, pela sua cronologia recente, por não ser um tipo de estrutura pouco comum e por não apresentar monumentalidade tem um valor cultural médio.

  Moinho de Vento a preservar de acordo com o preconizado na DIA (medida 4 da DIA, p. 3). A ocorrência foi registada nesta fase, estando associada às Fotografias 13 a 25 (Anexo 3), à Figura 5 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_2 (Anexo 5). Contudo, devido ao entulho que cobre os pisos interiores e à existência de espécies arbóreas encostadas ao exterior considera-se que permanecem pormenores por registar.

- 3 – Morgado das Relvas 2, Mancha de Ocupação: Tipologicamente classificado como Mancha de Dispersão com baixo valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), rectificou-se o tipo de sítio para Mancha de Ocupação, de acordo com o que se encontra na base de dados da DGPC, tendo-se mantido o valor cultural por não se terem observado os vestígios anteriormente identificados, possivelmente devido aos terrenos se encontrarem actualmente com coberto herbáceo e arbustivo denso.

  A relocalização do sítio arqueológico teve como finalidade identificar eventuais impactes decorrentes da proximidade com as vias secundárias (Figuras 1 a 3). Em toda a plataforma observam-se raros fragmentos de cerâmica doméstica e de construção dispersos, de pequenas dimensões e muito rolados, não se tendo identificado uma concentração de blocos pétreos ou relevo no terreno que indiciassem vestígios de antiga construção (Fotografias 26 e 27). Ao longo do caminho existente, que coincide de grosso modo com uma via secundária no interior da urbanização, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP. Sinalização com barreira protectora e Acompanhamento arqueológico em fase de obra.

- 12 - Praia Grande 5, Casal Rústico: tendo sido classificado com a tipologia de Casa de época Contemporânea com baixo valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Tipologicamente trata-se de um Casal Rústico com diversas fases construtivas. Relativamente ao valor cultural, considera-se que poderá ter uma

cronologia mais antiga, possivelmente de época Moderna, contudo é uma estrutura comum que não apresenta monumentalidade, pelo que tem um valor cultural médio-baixo dada a antiguidade.

Estrutura a demolir. A ocorrência foi registada nesta fase, estando associada às Fotografias 28 a 42 (Anexo 3), à Figura 6 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_12 (Anexo 5). Contudo, devido às espécies arbóreas e entulho que cobrem e envolvem a ocorrência considera-se que permanecem pormenores por registar.

- 13 – Pixorra 1, Casal Rústico: Tipologicamente classificado como Casal com médio valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), rectificou-se o tipo de sítio para Casal Rústico, de acordo com o que se encontra na base de dados da DGPC, tendo-se mantido o valor cultural por não se terem observado os vestígios anteriormente identificados.

  A relocalização do sítio arqueológico teve como finalidade identificar eventuais impactes decorrentes da proximidade com uma via primária (Figuras 1 a 3). Não se observaram os vestígios anteriormente identificados, todavia, os terrenos encontram-se actualmente com coberto herbáceo e arbustivo muito denso, onde existe uma vinha abandonada, dificultando ou impossibilitando a observação do solo. Observam-se raros fragmentos de cerâmica doméstica e de construção muito dispersos, de pequenas dimensões e muito rolados, não se tendo identificado uma concentração de blocos pétreos ou relevo no terreno que indiciassem vestígios de antiga construção (Fotografias 43 e 44). Ao longo da estrada existente, que coincide de grosso modo com uma via primária, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP.

- 15 - Morgado das Relvas, Eira: atribuído um elevado valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Considera-se que uma estrutura de valor cultural médio-baixo, por ser uma estrutura comum que não apresenta monumentalidade, nem antiguidade.

  Estrutura a demolir. A ocorrência foi registada eficazmente nesta fase, estando associada às Fotografias 45 e 46 (Anexo 3), à Figura 5 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_15 (Anexo 5).

- 17 - Morgado das Relvas, Quinta: tendo sido classificado com a tipologia de Edifício Habitacional de época Contemporânea com baixo valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Tipologicamente trata-se de uma Quinta agrícola com diversas fases construtivas. Relativamente ao valor cultural, considera-se que é uma estrutura comum que não apresenta monumentalidade, com um valor cultural médio-baixo.

  Estrutura a demolir. A ocorrência foi registada eficazmente nesta fase, estando associada às Fotografias 47 a 77 (Anexo 3), à Figura 7 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_17 (Anexo 5).

- 18 - Morgado das Relvas, Casa: tendo sido classificado com a tipologia de Edifício de apoio de época Contemporânea com baixo valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), trata-se de facto de um edifício de apoio agrícola, considerando-se mais correcto designá-la tipologicamente como Casa Agrícola, associada à laboração dos moinhos de vento, dado que poderá ter funcionado como armazém e/ou como casa para albergar o moleiro quando necessário.

  Estrutura a demolir. A ocorrência foi registada nesta fase, estando associada às Fotografias 78 a 81 (Anexo 3), à Figura 5 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_18 (Anexo 5). Contudo, devido ao entulho que cobre o piso interior considera-se que permanecem pormenores por registar.

- 19 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: tendo sido classificado com a tipologia de Celeiro com elevado valor cultural nos trabalhos realizados em 2007 (NEMUS, 2007), considerou-se necessário proceder a rectificações. Tipologicamente trata-se de um Moinho de Vento posteriormente adaptado a habitação ou celeiro. Relativamente ao valor cultural, considera-se que de facto é uma

estrutura com interesse patrimonial que deverá ser preservada, todavia, pela sua cronologia recente, por não ser um tipo de estrutura pouco comum e por não apresentar monumentalidade tem um valor cultural médio.

Moinho de Vento a preservar de acordo com o preconizado na DIA (medida 4 da DIA, p. 3). A ocorrência foi registada nesta fase, estando associada às Fotografias 82 a 89 (Anexo 3), à Figura 5 (Anexo 4) e aos levantamentos topográficos e fotogramétricos EP_19 (Anexo 5). Contudo, devido ao entulho que cobre o piso térreo considera-se que permanecem pormenores por registar.

- 21 – Morgado das Relvas 4, Mancha de Ocupação: ocorrência identificada na base de dados da DGPC correspondente a uma mancha de ocupação do Paleolítico e Neolítico.

  A relocalização do sítio arqueológico teve como finalidade identificar eventuais impactes decorrentes da proximidade com as vias secundárias (Figuras 1 a 3). Não se observaram os vestígios anteriormente identificados, todavia, os terrenos encontram-se actualmente com coberto herbáceo e arbustivo muito denso, onde existe uma vinha abandonada, dificultando ou impossibilitando a observação do solo. Não se identificaram vestígios que se possam atribuir à Pré-História. Apenas se identificaram raros fragmentos dispersos de cerâmica doméstica e de construção contemporânea, muito fragmentada e rolada na envolvente de um afloramento de calcário que foi aproveitado no lado oeste para criar um socalco de contenção de terras (Fotografias 90 a 93). Ao longo da estrada existente, que coincide de grosso modo com uma via secundária, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP.

Para além das ocorrências pré-existentes, acima descritas, sobre as quais decorreram os trabalhos de registo e relocalização nesta fase do PP, identificou-se uma nova ocorrência, designadamente:

- 22 – Morgado das Relvas, Poço(?): Trata-se de uma anomalia no solo constituída por uma depressão subcircular, localizada a norte do moinho com o número de Oc. 2 e no lado oposto do caminho em terra que atravessa o local. A depressão com 2m x 2.5m está preenchida com lixo e entulho e poderá tratar-se de um poço desactivado e entulhado (ou outra estrutura negativa associada aos moinhos), sendo também de considerar a possibilidade de ser simplesmente uma cavidade aberta no solo para efectuar despejos e eventual queima (Fotografias 94 e 95).

  A ocorrência poderá ser afectada indirectamente pelas vias secundárias (Figuras 1 a 3).

A AI abrange antigos terrenos agrícolas observando-se por toda a zona prospectada, ao nível do solo, pequenos fragmentos de cerâmica (doméstica e de construção) muito rolada e dispersa, indiciando o padrão de dispersão observado ter sobretudo uma origem na utilização de cerâmicas partidas conjuntamente com os fertilizantes orgânicos para oxigenação do solo, prática frequentemente utilizada até ao século XX. Não se identificaram concentrações de materiais arqueológicos, concentrações de blocos pétreos ou relevos no terreno que indiciassem vestígios de antigas construções, exceptuando a Oc. 22 acima descrita. Todavia, terá de se ter em consideração as condições de visibilidade do solo, o abandono dos terrenos e a composição arenosa dos solos (facilmente alterada pela acção eólica e pluvial), situações que condicionam a identificação de vestígios arqueológicos e a caracterização feita em diferentes campanhas espaçadas por longos períodos de tempo. Pelo que, será prudente considerar a possibilidade de existirem vestígios arqueológicos ocultos no subsolo e/ou pelo coberto vegetal. Será de referir a existência de despejos pontuais de entulhos, aproveitando a rede de caminhos existente, que formam concentrações de materiais claramente vindos de obras externas.

Toda a AI é atravessada por caminhos em terra, alguns com estruturas delimitadoras de propriedade que indiciam a sua utilização pelo menos durante o século XX. Conjuntamente com o património edificado os antigos caminhos, os muros de propriedade, os socalcos, estruturados ou não, e outras pequenas estruturas que se encontram por toda a AI, constituem vestígios históricos da vivência agrícola local. Por este motivo efectuou-se o registo de caminhos associados a estruturas, das estruturas e das vias primárias associadas ao PP. Todos os caminhos registados têm um código alfanumérico iniciado em “C”

seguido do respectivo número (Figuras 4 e 5). As estruturas registadas têm um código alfanumérico iniciado em "M" seguido do respectivo número (Figura 5).

- C1 - Eixo viário primário, de sentido N-S, que coincide com a estrada alcatroada existente, fazendo a ligação entre a EM526 e a praia. Dada a extensão, subdividiu-se a via em C1a (Fotografias 96 e 97), troço alcatroado a norte até ao entroncamento com a via C2; C1b (Fotografias 98 e 99), troço alcatroado central, entre o entroncamento com a via C2 e o entroncamento com a via C4, passa contiguamente ao muro M4; C1c (Fotografias 100 e 101), troço em terra batida, entre o entroncamento com a via C4 e a praia.
- C2 - Eixo viário primário, de sentido O-E, que no entroncamento com a via C1 coincide com um caminho em terra, fazendo a ligação à EM526 (Fotografias 102 e 103). No troço a este fará um entroncamento com um acesso local em terra batida, em sítio onde esta foi aberta em profundidade, tendo taludes com cerca de 2m de altura máxima. Atravessa terrenos com pequenos talhões ocupados por vinha.
- C3 - Eixo viário primário, de sentido E-O, que inicia na via C1b onde se encontra o único talhão de terreno ocupado por uma pequena horta e vinha. Nalguns pontos coincide com caminhos em terra existentes, abrangendo a maior parte do traçado terrenos incultos (Fotografias 104 e 105). Passa contiguamente à Oc. 12 e atravessa os muros M5 e M7.
- C4 - Eixo viário primário, de sentido E-O, que inicia na via C1, na ligação dos troços C1b e C1c, coincidindo maioritariamente com o estradão existente, em terra batida e *tout-venant*, de ligação à praia (Fotografias 106 e 107). Atravessa a Oc. 17.
- C5 - Eixo viário secundário, de sentido E-O, dentro de zona a urbanizar, coincidindo com um caminho em terra existente (Fotografia 108). Desenvolve-se ao longo do muro M6.
- C6 - Eixo viário secundário, de sentido E-O, dentro de zona a urbanizar, abrangendo terrenos incultos (Fotografia 109). Atravessa um caminho em terra e o muro M1.

As diversas estruturas identificadas, genericamente referidas como muros ou socalcos estruturados, encontram-se relacionadas com a actividade agrícola local. Por toda a AI se encontram valas abertas no solo, nalguns casos estruturadas em pedra num dos lados, podendo ter tido a função de delimitar uma propriedade e ao mesmo tempo canalizar água para a rega. Caminhos delimitados por muros em alvenaria, possivelmente para evitarem a entrada ou saída de gado, mas que também definiam a propriedade. Socalcos que modelam o solo, alguns deles estruturados com muros em pedra para contenção da terra arável, e que certamente também delimitariam propriedades. Para além destas estruturas lineares são também frequentes os marcos de propriedade em cimento, formando todos estes marcadores um mosaico de pequenas propriedades agrícolas. Surgem ainda, próximo de vinhas, estejam abandonadas ou em exploração, pequenos depósitos quadrangulares ou rectangulares dispersos por toda a AI, em alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento, rebocados e afagados. Pela reduzida dimensão e as marcas azuladas no interior de alguns deles, serão certamente tanques para preparação de sulfatos para o tratamento das vinhas, sendo estruturas muito recentes, dos finais do século XX, algumas arrancadas do local de origem e partidas.

- M1 – Troço de muro que delimita um caminho em terra (C6) do lado norte, formando um socalco para este lado (Fotografia 110). Aparentemente deveria não só manter nivelado o terreno como também demarcar a área de uma propriedade. Encontra-se em mau estado de conservação e com denso coberto herbáceo, contudo, aparenta ser em pedra sobreposta (calcário), com duas faces e enchimento em argila e pedra miúda. A quantidade de pedras derrubadas para norte indiciam que pouco mais se elevaria para além do preservado.
- M2 – Muro de contenção de terras aproveitando um afloramento de calcário que foi estruturado no lado oeste para criar um socalco de contenção de terras, sobre o qual se encontra uma figueira (Fotografia 92).

- M3 – Muro de contenção de terras, que forma um socalco em torno do moinho de vento correspondente à Oc. 2. É um muro em pedra sobreposta (calcário), com duas faces e enchimento em argila e pedra miúda, com 70cm de espessura (M3 nas Figuras 4 e 5). O muro tem dois troços, iniciando no troço NNE-SSO, faz uma inflexão de cerca de 90º para ESE, que corresponde ao segundo troço (ONO-ESE), terminando entre este moinho e o que tem o n.º 19. O desnível no terreno continua para ESE, sem estrutura, terminando junto à estrada existente (C1b na Figura 4) onde tem o troço de muro M4 (Fotografias 25, 111 e 112). O socalco e muros (M3 e M4) delimitam o conjunto de moinhos (Figura 5) a sul e a oeste e deveriam não só nivelar o terreno como também demarcar a área construída da propriedade. No âmbito do registo das estruturas a que se encontra associado foi efectuado o levantamento topográfico, o registo fotográfico e descritivo da estrutura.
- M4 – Troço de muro em alvenaria de pedra e argila, rebocado, com capeamento arredondado em argamassa rosada e pedra (Figura 5) que foi truncado pela via C1b (Fotografia 113). Está associado ao muro M3 constituindo um demarcador de propriedade.
- M5 - Troço de muro que delimita um caminho em terra, do lado norte, formando um socalco para este lado (Fotografia 114). Aparentemente deveria não só manter nivelado o terreno como também demarcar a área de uma propriedade. Encontra-se em mau estado de conservação e com denso coberto herbáceo, contudo, aparenta ter duas faces em pedra (calcário) presumivelmente com enchimento em argila e pedra miúda como se verifica nos muros M1 e M3. A quantidade de pedras derrubadas na envolvente indiciam que pouco mais se elevaria para além do preservado. Será atravessado pela via primária C3. Este muro tem continuidade para Oeste, onde nas cotas mais elevadas é constituído por blocos pétreos grosseiros de grande dimensão sem organização aparente para além de delimitarem uma área que, como se pode observar no Google Earth, contorna toda a elevação. Deverá também estar associado ao muro M6 com o qual está alinhado (Figura 4).
- M6 – Troço de muro de propriedade que se localiza paralelamente a um caminho em terra, coincidente com a via C5, do lado sul. É constituído por blocos calcários grosseiros de grande dimensão sem organização para além do alinhamento que formam (Fotografia 115). Próximo do extremo oeste do muro encontra-se um tanque de preparação de sulfatos. Deverá estar associado ao muro M5 com o qual está alinhado (Figura 4).
- M7 – Troço de muro que delimita uma vala aberta no solo, do lado oeste, em mau estado de conservação e com denso coberto herbáceo (Fotografia 116). Poderá ter tido a função de demarcar uma propriedade e fazer contenção das águas. Será atravessado pela via primária C3 (Figura 4).
- M8 - Troço de muro que delimita uma vala aberta no solo, de ambos os lados, em mau estado de conservação e com denso coberto herbáceo (Fotografia 117). Poderá ter tido a função de demarcar uma propriedade e fazer contenção das águas. Próximo do extremo oeste do muro encontra-se um tanque de preparação de sulfatos.
- M9 – Muro muito extenso que tem início no canto SO da Oc. 12, à qual está claramente associado, e termina junto às dunas da praia (Figuras 4 e 6). Está assinalado na cartografia militar (Figura 1) e parcialmente incluído no levantamento topográfico (Figura 4). O referido muro é construído em alvenaria de pedra e argila, com 30 cm de espessura, sendo rebocado e caiado, com capeamento arredondado em argamassa e pedra (Fotografias 32 e 33). Está em mau estado de conservação e em muitos pontos já ruiu. Poderia desenvolver-se ao longo de um caminho que há muito não é utilizado, e do qual apenas se observam vestígios junto à Oc. 12, e delimitar propriedades.

Não é possível atribuir uma cronologia aos muros descritos, ainda que seja presumível serem de época Contemporânea. Em termos de valor cultural, trata-se de património etnográfico de baixo valor.

No Quadro 1 apresenta-se a listagem das ocorrências abrangidas nesta fase do PP.

Quadro 1. Ocorrências do factor Património Cultural abrangidas

Referência		Tipologia Topónimo ou Designação	Inserção no Projecto (AI, ZE) Categoria (CL, AA, AE) Valor cultural e Classificação						Cronologia					
			AI			ZE								
TC	PD		CL	AA	AE	CL	AA	AE	PA	PR	F	ER	MC	Ind
1	1	Moinho de Vento e Celeiro 1 Morgado das Relvas			3								C	
2	2	Moinho de Vento e Celeiro 2 Morgado das Relvas			3								C	
3	3	Mancha de Dispersão Morgado das Relvas 1					1						O,C	
12	12	Casal Rústico Praia Grande 5			3								C	
13	13	Casal Rústico Pixorra 1					3						O	
15	15	Elra Morgado das Relvas			3								C	
17	17	Quinta Morgado das Relvas			3								C	
18	18	Casa Agrícola Morgado das Relvas			1								C	
19	19	Moinho de Vento e Celeiro 4 Morgado das Relvas			3								C	
21	21	Mancha de Ocupação Morgado das Relvas 4					Ind		PA	PR				
22		Poço(?) Morgado das Relvas			Ind									Ind
M4 a M9		Muros Morgado das Relvas			1									Ind

Legenda
Referência. Os números da primeira coluna identificam as ocorrências caracterizadas durante o trabalho de campo (**TC**) e as letras da segunda coluna as que foram identificadas na pesquisa documental (**PD**). Faz-se, desta forma, a correspondência entre as duas fontes de caracterização do Património. As ocorrências estão identificadas na cartografia com estas referências.
Tipologia.
Topónimo ou Designação.
Inserção no Projecto. AI = Área de incidência do Projecto; **ZE =** Zona de Enquadramento do Projecto.
Categoria. CL = Património classificado, em vias de classificação ou com outro estatuto de protecção (**M**=monumento nacional; **IP**=imóvel de interesse público; **IM**=imóvel de interesse municipal; **ZP**=zona especial de protecção; **VC**=em vias de classificação; **PL**=planos de ordenamento; **In**=inventário)**; AA** = Património arqueológico; **AE** = Arquitectónico, artístico, etnológico, construído.
Valor cultural e critérios. Elevado (5): Imóvel classificado (monumento nacional, imóvel de interesse público) ou ocorrência não classificada (sítio, conjunto ou construção, de interesse arquitectónico ou arqueológico) de elevado valor científico, cultural, raridade, antiguidade, monumentalidade, a nível nacional. **Médio-elevado (4):** Imóvel classificado (valor concelhio) ou ocorrência (arqueológica, arquitectónica) não classificada de valor científico, cultural e/ou raridade,

antiguidade, monumentalidade (características presentes no todo ou em parte), a nível nacional ou regional. **Médio (3), Médio-baixo (2), Baixo (1):** Aplica-se a ocorrências (de natureza arqueológica ou arquitectónica) em função do seu estado de conservação, antiguidade e valor científico, e a construções em função do seu arcaísmo, complexidade, antiguidade e inserção na cultura local. **Nulo (0):** Atribuído a construção actual ou a ocorrência de interesse patrimonial totalmente destruída. **Ind**=*Indeterminado* (**In**), quando a informação disponível não permite tal determinação, ou *não determinado* (**Nd**), quando não se obteve informação actualizada ou não se visitou o local.
Cronologia. PA=Pré-História Antiga (**i**=Paleolítico Inferior; **m**=Paleolítico Médio; **s**=Paleolítico Superior); **PR**=Pré-História Recente (**N**=Neolítico; **C**=Calcolítico; **B**=Idade do Bronze); **F**=Idade do Ferro; **ER**=Época Romana; **MC**=Idades Média, Moderna e Contemporânea (**M**=Idade Média; **O**=Idade Moderna; **C**=Idade Contemporânea); **Ind**=*Indeterminado* (**In**), quando a informação disponível não permite tal determinação, ou *não determinado* (**Nd**), quando não se obteve informação actualizada ou não se visitou o local. Sempre que possível indica-se dentro da célula uma cronologia mais específica.
Incidência espacial. Reflecte-se neste indicador a dimensão relativa da ocorrência, à escala considerada, e a sua relevância em termos de afectação, através das seguintes quatro categorias (assinaladas com diferentes cores nas células): achado isolado (cor verde); ocorrências localizadas ou de reduzida incidência espacial, inferior a 200m^2 (cor azul); manchas de dispersão de materiais arqueológicos, elementos construídos e conjuntos com área superior a 200m^2 e estruturas lineares com comprimento superior a 100m (cor vermelha); áreas de potencial interesse arqueológico (cor laranja).

Incidência espacial		Áreas de potencial valor arqueológico	
Achado isolado		Ocorrência de dimensão significativa	
Ocorrência de pequena dimensão		Dimensão não determinada	

Caracterização da actual ocupação do solo

Os terrenos da AI apresentam uma ondulação suave, que poderemos designar como peneplanícies, originada pela erosão das águas correntes das linhas de água que delimitam a área, designadamente a ribeira de Alcantarilha a Noroeste e a ribeira de Espiche a Sudeste, sendo os solos predominantemente arenosos, com cotas a variar entre 1m e os 23 m.

O trabalho de campo foi caracterizado no que concerne às características da actual ocupação do terreno e de visibilidade do solo para a detecção de estruturas e materiais arqueológicos (Anexo 2, Figura 2, Fotografias 118 e 119), tendo sido definido o seguinte zonamento:

A área de estudo é actualmente composta por terrenos incultos. Trata-se de antigos terrenos agrícolas onde se observam variados talhões que eram ocupados por vinha (com sulcos e restos de cepas secas), sendo perceptível que os restantes terrenos eram lavrados e/ou modelados para a prática agrícola. Apenas se encontram em exploração agrícola raras parcelas de reduzida dimensão com vinha e uma parcela com horta. O solo encontra-se com coberto herbáceo baixo e denso, tendo manchas arbustivas dispersas (giesta) e arbóreo muito disperso (predominantemente figueiras e amendoeiras). A visibilidade para a identificação de materiais arqueológicos à superfície é no geral reduzida, havendo pontualmente pequenas manchas onde é média ou nula. A visibilidade para estruturas é predominantemente média.

Levantamento Fotogramétrico

Descrevem-se as principais fases de realização do registo gráfico dos elementos patrimoniais afectos ao projecto "Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande – Silves".

Foram objecto deste estudo os Elementos Patrimoniais (E.P. – entenda-se como ocorrências) 1, 2, 12, 15, 17, 18 e 19. No decorrer dos trabalhos de campo verificou-se uma deficiente limpeza dos locais ao nível da sua desmatação, desarborização e remoção de entulho tanto do exterior como do interior dos E.P., tendo originado lacunas no levantamento.

Tendo em vista a realização de um registo gráfico integral dos E.P. foi levado a cabo um conjunto de operações de medição que permitiu garantir a fiabilidade dos registos produzidos ao nível geodésico

(conformação com um sistema de coordenadas nacional) e geométrico/estrutural (representação das características morfológicas dos elementos edificados).

A geo-referenciação do levantamento foi efectuada através de sistema diferencial de posicionamento por satélite (D-GPS) tendo-se obtido coordenadas transformadas para o sistema oficial de referência nacional (ETRS89 PT-TM06). Dado que a cartografia de apoio ao Estudo de Impacte Ambiental que antecedeu o presente levantamento se encontra referenciada ao Datum 73, foi efectuada a conversão de coordenadas para esse sistema garantindo-se assim a compatibilidade entre os dados produzidos em ambos os estudos. Os pontos coordenados através do sistema D-GPS serviram de base à observação taqueométrica de 40 alvos de referenciação fotogramétrica colocados previamente nas estruturas edificadas.

O levantamento geométrico das estruturas edificadas que compõem os E.P. foi realizado através de fotogrametria terrestre. Esta técnica permite obter representações detalhadas das características construtivas e estruturais dos edifícios garantindo em simultâneo a correcta localização e orientação de todos os registos gráficos. Este levantamento consistiu na recolha de cerca de 2.000 fotogramas do interior e exterior dos E.P. com câmara fotográfica digital mono-focal calibrada.

Processamento de dados: Tendo por base os conjuntos de fotogramas recolhidos e as coordenadas observadas para os alvos de referência foram calculadas as orientações interna e externa de cada toma de vista obtendo-se um modelo fotogramétrico individualizado para cada E.P. a partir do qual se extraiu a informação métrica e dimensional para a produção dos registos planimétricos que compõem o levantamento. Foram produzidas representações vectoriais e ortofotográficas em planta, para todos os pisos existentes das construções, em alçado, para os paramentos exteriores, e em corte para o interior de cada núcleo edificado. No total foram produzidas oito peças desenhadas em formato vectorial (AutoCad DWG) contendo planta topográfica, plantas por piso, alçados e cortes de todos os E.P. e 42 imagens ortofotográficas que complementam o registo vectorial.

MEDIDAS COMPLEMENTARES

Justificação e Medidas a Implementar

- 1 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: A ocorrência foi registada nesta fase, contudo, devido ao entulho que cobre os pisos interiores permaneceram pormenores por registar, pelo que, em fase de obra deverá ser efectuada previamente a limpeza dos pisos interiores e completado o registo fotográfico e descritivo.
- 2 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: A ocorrência foi registada nesta fase, contudo, devido ao entulho que cobre os pisos interiores e à existência de espécies arbóreas encostadas ao exterior considera-se que permanecem pormenores por registar, pelo que, em fase de obra deverá ser efectuada previamente a limpeza dos pisos interiores e o abate das espécies arbóreas no exterior e completado o registo fotográfico e descritivo.
- 3 – Morgado das Relvas 2, Mancha de Ocupação: Ao longo do caminho em terra existente, que coincide de grosso modo com uma via secundária no interior da urbanização, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP. Em fase de obra deverá colocar-se uma barreira protectora a sinalizar a área da ocorrência tendo como finalidade evitar impactes indirectos e realizar o acompanhamento arqueológico.
- 12 - Praia Grande 5, Casal Rústico: A ocorrência foi registada nesta fase, contudo, devido às espécies arbóreas e entulho que cobrem e envolvem a ocorrência considera-se que permanecem pormenores por registar. Em fase de obra efectuar previamente a desmatação, abate de espécies arbóreas e limpeza do entulho que cobrem e envolvem a ocorrência, sobre a coordenação de um arqueólogo, tendo como finalidade completar o registo topográfico, fotográfico e descritivo que deverá ser realizado seguidamente, e efectuar o acompanhamento arqueológico da demolição das estruturas e respectivos registos dos trabalhos.
- 13 – Pixorra 1, Casal Rústico: Ao longo da estrada existente, que coincide de grosso modo com uma via primária, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP. Deverá realizar-se o acompanhamento arqueológico em fase de obra.
- 15 - Morgado das Relvas, Eira: A ocorrência foi registada eficazmente nesta fase, devendo ser realizado o acompanhamento arqueológico do desmonte da estrutura e respectivos registos dos trabalhos.
- 17 - Morgado das Relvas, Quinta: A ocorrência foi registada eficazmente nesta fase, devendo ser realizado o acompanhamento arqueológico da demolição das estruturas e respectivos registos dos trabalhos.
- 18 - Morgado das Relvas, Casa: A ocorrência foi registada nesta fase, contudo, devido ao entulho que cobre o piso interior considera-se que permanecem pormenores por registar. Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobrem o piso da estrutura e completar o registo fotográfico e descritivo, devendo ser realizado o acompanhamento arqueológico da demolição das estruturas e respectivos registos dos trabalhos.
- 19 - Morgado das Relvas, Moinho de vento e Celeiro: A ocorrência foi registada nesta fase, contudo, devido ao entulho que cobre o piso térreo considera-se que permanecem pormenores por registar. Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobre o piso térreo e completar o registo fotográfico e descritivo.

Para além das medidas complementares sobre as ocorrências identificadas no âmbito dos anteriores estudos, deverão ser tomadas em consideração as que abaixo se descrevem, incidindo sobre as que foram identificadas no âmbito da pesquisa documental e do trabalho de campo desenvolvido nesta fase do PP.

- 21 – Morgado das Relvas 4, Mancha de Ocupação: Ao longo da estrada existente, que coincide de grosso modo com uma via secundária, não se observaram materiais arqueológicos, pelo que se considera que a ocorrência não será afectada nesta fase do PP. Deverá realizar-se o acompanhamento arqueológico em fase de obra.
- 22 – Morgado das Relvas, Poço(?): A ocorrência poderá ser afectada indirectamente pelas vias secundárias. Em fase de obra efectuar previamente a limpeza manual até profundidade que permita determinar se a anomalia corresponde a um poço entulhado ou a uma simples cavidade aberta para despejo de lixo. Mediante os resultados obtidos deverá determinar-se se a ocorrência justifica escavação arqueológica prévia.
- M1 – Troço de muro, que delimita um caminho em terra (C6) do lado norte. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste, executando o registo fotográfico e descritivo da técnica construtiva utilizada.
- M2 – Muro de contenção de terras aproveitando um afloramento de calcário que foi estruturado no lado oeste para criar um socalco de contenção de terras. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro.
- M3 – Muro de contenção de terras, que forma um socalco em torno do moinho de vento correspondente à Oc. 2. No âmbito do registo das estruturas a que se encontra associado foi efectuado o levantamento topográfico, o registo fotográfico e descritivo da estrutura. Em fase de obra deverá efectuar-se o acompanhamento arqueológico do desmonte do muro.
- M4 – Troço de muro em alvenaria de pedra e argila, associado ao muro M3. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte do muro.
- M5 - Troço de muro que delimita um caminho em terra, do lado norte. Será atravessado pela via primária C3 e deverá estar associado ao muro M6 com o qual está alinhado. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste, executando o registo fotográfico e descritivo da técnica construtiva utilizada.
- M6 – Troço de muro de propriedade que se localiza paralelamente a um caminho em terra, coincidente com a via C5, do lado sul. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste, executando o registo fotográfico e descritivo da técnica construtiva utilizada.
- M7 – Troço de muro que delimita uma vala aberta no solo, do lado oeste. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste, executando o registo fotográfico e descritivo da técnica construtiva utilizada.
- M8 - Troço de muro que delimita uma vala aberta no solo. Em fase de obra deverá efectuar-se previamente o levantamento topográfico do muro e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste, executando o registo fotográfico e descritivo da técnica construtiva utilizada.
- M9 - Muro muito extenso que tem início no canto SO da Oc. 12, à qual está claramente associado, e termina junto às dunas da praia. Está assinalado na cartografia militar (Figura 1) e parcialmente incluído no levantamento topográfico (Figura 4). Em fase de obra deverá completar-se previamente o

levantamento topográfico e fotográfico do muro em toda a sua extensão e posteriormente o acompanhamento arqueológico do desmonte deste.

De modo a obter um diagnóstico eficiente nos trabalhos de acompanhamento arqueológico em fase de obra, é aconselhável realizar previamente uma desmatação mecânica por decapagem da camada superficial e o abate de árvores.

LACUNAS DE CONHECIMENTO

Algumas ocorrências encontram-se cobertas por espécies arbóreas e por entulho, não permitindo uma caracterização e registo eficazes. De modo a completar os trabalhos realizados de registo realizados, deverão executar-se em fase prévia à fase de obra trabalhos de limpeza e registo, de acordo com o descrito no capítulo referente às medidas complementares

Toda a AI se encontra com denso coberto herbáceo e pontualmente arbustivo, condicionando a observação do solo e, consequentemente, a identificação de vestígios arqueológicos. Deste modo, conforme preconizado na DIA (medida 13 da DIA, p. 3) deverá ser realizada previamente à fase de obra a desmatação das áreas a afectar, de acordo com o descrito no capítulo referente às medidas complementares, com o acompanhamento de um arqueólogo, que efectuará também a prospecção arqueológica das áreas desmatadas após a desmatação. Igual procedimento deverá ser realizado nas áreas de estaleiro e de depósito das terras vegetais a remover no âmbito da obra.

FONTES DE INFORMAÇÃO

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1988). Roman Portugal, vol. 2, fasc. 3 (Évora, Faro & Lagos). Warminister, England, Aris & Phillips LTD.

AMARAL, M. C. (2002). Caminhos do Gharb: estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: o caso de Faro e Silves. [s.l.], Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

ARRUDA, Ana M.; GONÇALVES, L. J. (1993). "Sobre a romanização do Algarve", II Congresso Peninsular de História Antiga. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, pp. 455-465.

AEDPHCC (1995). II Jornadas de Silves, 1993, Actas. Silves, Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural do Concelho de Silves.

BICHO, Nuno (2004). "A Ocupação Paleolítica e Mesolítica do Algarve", Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Faro, Universidade do Algarve, pp. 19-24.

BLOT, Maria L. P. (2003). "Os Portos na Origem dos Centros Urbanos. Contributo para a Arqueologia das Cidades Marítimas e Flúvio-marítimas em Portugal", Trabalhos de Arqueologia, n.º 28. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

CATARINO, Helena (1997/1998). "O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados", Al-ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, n.º 6, 3 Vols. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, Helena (2002). O Algarve Islâmico: roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira. Faro, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

ECOBASE (2013). Estudo de Impacte Ambiental da Unidade de Execução (UE) 1 do Plano de Pormenor (PP) da Praia Grande (Silves). Revisão 1 do Relatório realizado por Ecobase Consulting/Finalgarve, S.A.

GAMITO, Teresa J. (1984). "Breve Apontamento sobre o Povoamento do Algarve desde a Pré-História até à época Romana e o seu Condicionalismo Geográfico". Sep. Anais do Município de Faro, 13. Faro.

GOMES, Rosa Varela (1997). "Silves e a Ocupação Muçulmana do Algarve", Setúbal Arqueológica, Vols. 11-12, I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Museu de Arqueologia e de Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 249-267.

GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (1988). Levantamento Arqueológico-Bibliográfico do Algarve. Faro, Secretaria de Estado da Cultura.

GUERREIRO, M. V. (1981). Frei João de S. José e a sua Corografia do Reino do Algarve, 1577: Apresentação Critica. Faro, Universidade do Algarve.

LACERDA, Manuel; et.al. – Coord. (2001). GARB. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular. Lisboa, Ministério da Cultura/IPPAR/Junta de Extremadura.

LOPES, J. B. S. (1999). A Cidade de Silves num Itinerário Naval do Século XII por um Cruzado Anónimo. Lisboa, Távola Redonda.

MANTAS, Vasco Gil (1997). "Os caminhos da Serra e do Mar", Noventa Séculos entre a Serra o Mar. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 311-326.

MARQUES, Maria Teresa F. C et al. (1992). Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

NEMUS (2007). Caracterização Patrimonial para o Plano de Pormenor da Praia Grande, Silves. Relatório dos trabalhos realizados por Sofia de Melo Gomes para NEMUS, Gestão e Requalificação Ambiental, Lda./Finalgarve, S.A.

REI, A. (2004). "Descrições Árabes do Espaço Algarvio, entre os Séculos III h/IX d.C. e VIII h/XI d.C.", Promontoria, n.º 2. Faro, pp.9-34.

ROCHA, Rogério B., et al. (1989). *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, Folha 52B – Albufeira*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

RODRIGUES, M. A. R. (2003). Algarve Muçulmano (711-1249). Lisboa, Destarte.

RODRIGUES, Sandra (2004). As Vias Romanas do Algarve. Faro, Universidade do Algarve.

SANTOS, M. L. E. da V. A. dos (1972). Arqueologia Romana do Algarve, vol. 2. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

VEIGA, Estácio da (1910). "Antiguidades Monumentais do Algarve, Capítulo V Tempos Históricos", O Archeologo Português, vol. XV, Lisboa.

Cartografia

CGP (1981) - Carta Geológica de Portugal, folha 52B - Albufeira, esc. 1:50000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

SCE (1979) - Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha 604 Lagoa, Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.

Planos

Plano Director Municipal de Silves (1995).

Sítios da Internet

Câmara Municipal de Silves - www.cm-silves.pt

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) – Base de dados Endovélico: http://www.igespar.pt

Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano / Sistema Nacional de Informação Territorial / Portal do Ordenamento do Território e do Urbanismo (DGOTDU / SNIT) - www.dgotdu.pt (consulta on-line de PDM)

Google Hearth – observação de Fotografia Aérea

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU): www. monumentos.pt

Mário Monteiro

Arqueólogo Coordenador

ANEXOS

Anexo 1. Fichas Individuais de Ocorrências caracterizadas em trabalho de campo

Atributos

Projecto. Nº = referência de inventário utilizada na cartografia, nos quadros e nas fichas de inventário.
Data = corresponde à data de observação. **Carta Militar de Portugal (CMP)** = nº da folha na escala 1:25.000.
Altitude = obtida a partir da CMP, em metros (m).
Topónimo ou Designação = nome atribuído à ocorrência ou ao local onde se situa.
Categoria = distinção entre arqueológico, arquitectónico, etnológico, construído e outros atributos complementares (hidráulico, civil, militar, artístico, viário, mineiro, industrial, etc). **Tipologia** = tipo funcional de ocorrência, monumento ou sítio, segundo o *theasaurus* do Endovelico.
Cronologia = indica-se o período cronológico, idade ou época correspondente à ocorrência. A aplicação do sinal "?" significa indeterminação na atribuição cronológica. A indicação de vários períodos cronológicos separados por "," tem significado cumulativo.
Classificação = imóvel classificado ou outro tipo de protecção, decorrente de planos de ordenamento, com condicionantes ao uso e alienação do imóvel.
Valor cultural = hierarquização do interesse patrimonial da ocorrência no conjunto do inventário de acordo com os seguintes critérios: Elevado (5): Imóvel classificado (monumento nacional, imóvel de interesse público) ou ocorrência não classificada (sítio, conjunto ou construção, de interesse arquitectónico ou arqueológico) de elevado valor científico, cultural, raridade, antiguidade, monumentalidade, a nível nacional. Médio-elevado (4): Imóvel classificado (valor concelhio) ou ocorrência (arqueológica, arquitectónica) não classificada de valor científico, cultural e/ou raridade, antiguidade, monumentalidade (características presentes no todo ou em parte), a nível nacional ou regional. Médio (3), Médio-baixo (2), Baixo (1): Aplica-se a ocorrências (de natureza arqueológica ou arquitectónica) em função do seu estado de conservação, antiguidade e valor científico, e a construções em função do seu arcaísmo, complexidade, antiguidade e inserção na cultura local. Nulo (0): Atribuído a construção actual ou a ocorrência de interesse patrimonial totalmente destruída. Indeterminado: Quando as condições de acesso ao local, a cobertura vegetal ou outros factores impedem a observação da ocorrência (interior e exterior no caso das construções).
Posição v. Projecto = indicam-se as relações de proximidade em relação ao projecto: AI (área de incidência) ou ZE (zona envolvente).
Tipo de trabalho = atributo baseado no *theasaurus* do Endovelico.
Coordenadas Geográficas = coordenadas rectangulares; UTM datum ED50 obtidas em campo com GPS; conversão para HAYFORD-GAUSS Militares-Lisboa (Lx)
Distrito. Concelho. Freguesia. Lugar = local habitado mais próximo.
Proprietário = identificação do(s) proprietário(s).
Uso do Solo, Ameaças e **Estado de conservação** = atributos baseado no *theasaurus* do Endovelico. Estes atributos são apenas aplicáveis a bens imóveis ou a bens móveis de dimensão considerável ou que não foram recolhidos.
Acesso. Morfologia do terreno = indica a posição da ocorrência face à topografia do terreno (afloramento; encosta; cumeada; socalco; aluvião, terraço; planalto; planície; linha de água; escarpa; chã; vale; outros).
Visibilidade para estruturas e artefactos: indicam-se os seguintes graus de visibilidade para detecção de estruturas e artefactos, elevada, média, reduzida e nula.
Fontes de informação = bibliografia, cartografia, manuscritos, informação oral, instrumento de planeamento, base de dados ou de outro tipo. Também se indica a fonte de informação utilizada quando não tem origem na CMP por aproximação espacial.
Espólio recolhido = indicação do tipo e quantidade de achados arqueológicos móveis recolhidos durante o trabalho de campo.
Caracterização = caracterização da ocorrência em termos de localização, características construtivas e materiais utilizados, dimensões e registo fotográfico.
Avaliação de Impactes = impactes identificados sobre a ocorrência. Caracterização de Impactes: **Tipo (Ti)**: indirecto (I), directo (D); **Natureza (Na)**: negativo (-); positivo (+); **Magnitude (Ma)**: baixo (B), médio (M), elevado (E); **Duração (Du)**: temporária (T); permanente (P); **Probabilidade (Pr)**: pouco provável (PP), provável (P), certo (C); **INI**: impactes não identificados (N) ou indeterminados (I) (**?** = incerteza na atribuição).
Medidas de Minimização = medidas de minimização propostas.
Responsável(eis) = nome do(s) arqueólogo(s) responsável(eis) pela observação da ocorrência e elaboração da ficha de sítio.

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 1 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 15m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558829 - 4106965 **Coordenadas (Lx)** 181669,35 - 015517,09

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Moinho de Vento (Celeiro 1) **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Via primária, no entroncamento de Vias C1 e C2 **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Mau

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira." (NEMUS, 2007)

Caracterização Moinho de vento desactivado e transformado em celeiro, que integra um núcleo moageiro constituído por três moinhos de vento, uma eira e uma casa de apoio, possivelmente a casa do moleiro (Figura 5).

Moinho de vento de tipo mediterrânico, de torre fixa e capelo giratório. Estrutura cilíndrica, de dois pisos interiores, construída em alvenaria de pedra (calcário) e argamassa amarelada, com 1.20m de espessura na parte inferior, e rebocado a argamassa. Em fase posterior o piso superior foi ampliado para colocação de uma cobertura de duas águas com traves de madeira e telha de meia cana. A argamassa utilizada é mais escura sendo perfeitamente perceptível o acrescento.

A porta está virada a sul, sendo a soleira metade de uma mó com o furo central virado para fora. O lintel é em blocos colocados em espinha. Tem duas janelas no piso superior, uma virada a este, outra a oeste que se encontra fechada com pedra e argamassa (tem um furo de drenagem sob a janela). Virada a este tem também uma janela de maiores dimensões localizada sensivelmente entre os dois pisos, com blocos colocados em espinha no lintel, encontrando-se esta fechada e sem vestígios da sua localização no interior. Possivelmente a janela superior terá sido aberta quando a estrutura foi adaptada a celeiro, tendo sido utilizada cantaria em calcário no lintel e ombreiras, e na mesma data fechadas as janelas originais a este e a oeste. No lado este da porta tem cravado na parede um andorinho (bloco cilíndrico com argola em ferro chumbada) para travar o moinho.

O piso térreo é formado por um compartimento com tecto abobadado. Todo o interior está rebocado a

argamassa e caiado de branco. O pavimento encontra-se coberto com lixo e entulho não se observando as características deste. Na cobertura (em alvenaria) tem três cavidades que ligam ao piso superior, estando alinhadas com outras duas existentes na parede (uma de cada lado), que certamente estão relacionadas com o mecanismo do moinho de vento, que estaria no piso superior. No lado oeste arranca uma escadaria para o piso superior, contornando a parede. Tem 16 degraus em calcário, com desgaste visível, e cerca de 0.65m de largura. Sobre a escadaria tem um arco de volta perfeita em alvenaria, que servia para sustentar um piso em soalho (com vigas redondas cravadas na parede), com alçapão, para cobrir a abertura da escadaria. Junto ao arco faz um nicho que aproveita quase toda a espessura da parede. Poderá ter sido uma janela, todavia no exterior não se observam vestígios desta. Sobre a porta tem gravado na argamassa dois círculos concêntricos (o exterior com cerca de 40cm de diâmetro) com pontos cardeais. No compartimento tem gravado uma rosácea de oito folhas dentro de um círculo, com 21cm de diâmetro, e duas rosáceas idênticas na espessura da divisória entre o compartimento e a escadaria, com 8.5cm de diâmetro. Todas as gravações foram efectuadas com recurso a compasso, estando marcada a perfuração central, sobre a parede rebocada, seguramente na fase de utilização do espaço como celeiro.

O piso superior tem o piso em argamassa afagada. No topo da parede ainda tem o fechal de pedra (o fechal é o mecanismo que permite a rotação do capelo – cobertura cónica - para apanhar o vento) com uma calha talhada na pedra onde rodava o fechal de madeira (estrutura em madeira com uma roda que deslizava no calha aberta no fechal em pedra). Sob o fechal em pedra tem cinco blocos perfurados cravados horizontalmente na parede e em torno desta (apenas um não foi partido) que, conjuntamente com argolas em ferro que estão cravadas lateralmente no fechal em pedra, correspondem ao sarilho do moinho (mecanismo que permite manusear o velame para "encarar" o vento, fazendo deslizar o fechal de madeira sobre o fechal de pedra). No interior é também identificável o acrescento nas paredes para colocação da cobertura em vigas de madeira e telha, de modo a ter a inclinação necessária para a drenagem das águas pluviais, tendo duas colunas de secção quadrangular onde ficava apoiada a viga central, com sentido S-N.

Registo fotográfico


01


02


03


04


05


06


07


08


09


10


11


12

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a preservar e integrar na urbanização.

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobrem os pisos e completar o registo fotográfico e descritivo.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 2 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 12m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558705 - 4106996 **Coordenadas (Lx)** 181545,60 - 015549,23

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Moinho de Vento (Celeiro 2) **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Mau

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira. O edifício possui pequenas mós colocadas na parede assumindo uma função decorativa" (NEMUS, 2007)

Caracterização Moinho de vento desactivado e transformado em celeiro, que integra um núcleo moageiro constituído por três moinhos de vento, uma eira e uma casa de apoio, possivelmente a casa do moleiro.

Em torno deste moinho o terreno foi nivelado com recurso a um socalco estruturado, para contenção de terras, em pedra sobreposta (calcário), com duas faces e enchimento em argila e pedra miúda, com 70cm de espessura (M3 nas Figuras 4 e 5). O muro tem dois troços, iniciando no troço NNE-SSO, faz uma inflexão de cerca de 90º para ESE, que corresponde ao segundo troço (ONO-ESE), terminando entre este moinho e o que tem o n.º 19. O desnível no terreno continua para ESE, sem estrutura, terminando junto à estrada existente (C1b na Figura 3) onde tem um troço de muro em alvenaria (em argila e pedra calcária, rebocado, com capeamento arredondado em argamassa rosada e pedra - M4 nas Figuras 4 e 5) que foi truncado pela referida estrada. Este socalco e muro delimitam o conjunto de moinhos a sul e a oeste e deveriam não só nivelar o terreno como também demarcar a área construída da propriedade.

Moinho de vento de tipo mediterrânico, de torre fixa e capelo giratório. Estrutura cilíndrica, de dois pisos interiores, construída em alvenaria de pedra (calcário) e argamassa amarelada, com 1.20m de espessura na parte inferior, e rebocado a argamassa. Em fase posterior o piso superior foi ampliado para colocação de uma cobertura de duas águas com traves de madeira e telha de meia cana. A argamassa utilizada é mais escura sendo perfeitamente perceptível o acrescento.

A porta está virada a este, com cantaria de calcário, estando encimada por uma janela no piso superior

igualmente com cantaria em calcário. Tem outra janela no piso superior virada a oeste que se encontra fechada com pedra e cimento (aparentemente também teria cantaria que foi removida). A toda a volta tem cravado na parede seis andorinhos (bloco cilíndrico com cavidade para chumbar argolas em ferro) para travar o moinho.

O piso térreo é formado por um compartimento com tecto abobadado e pavimento em tijoleira. Todo o interior está rebocado a argamassa e caiado de branco. Na cobertura (em alvenaria) tem três cavidades que ligam ao piso superior, estando alinhadas com outras duas existentes na parede (uma de cada lado), que certamente estão relacionadas com o mecanismo do moinho de vento, que estaria no piso superior. Ao fundo do compartimento tem uma estrutura em alvenaria que forma duas bancadas ou manjedouras separadas. No lado norte arranca uma escadaria para o piso superior, contornando a parede. Tem 16 degraus em calcário, com desgaste visível, e cerca de 0.65m de largura. Sobre a escadaria tem um arco de volta perfeita em alvenaria, que servia para sustentar um piso em soalho (com vigas redondas cravadas na parede), com alçapão, para cobrir a abertura da escadaria.

O piso superior tem o piso em argamassa afagada e pedra, com um arranjo posterior em cimento. A sul tem um nicho que ocupa quase toda a espessura da parede e tem dimensão idêntica à das janelas. A janela virada a este faz parapeito interno forrado a tijoleira e inclinação para um furo central de drenagem. No topo da parede ainda tem o fechal de pedra (o fechal é o mecanismo que permite a rotação do capelo – cobertura cónica - para apanhar o vento) com uma calha talhada na pedra onde rodava o fechal de madeira (estrutura em madeira com uma roda que deslizava no calha aberta no fechal em pedra). Tem cravado lateralmente argolas em ferro no fechal em pedra, relacionadas com o sarilho do moinho (mecanismo que permite manusear o velame para "encarar" o vento, fazendo deslizar o fechal de madeira sobre o fechal de pedra). No interior é também identificável o acrescento nas paredes para colocação da cobertura em vigas de madeira e telha (parcialmente preservado mas em queda eminente), de modo a ter a inclinação necessária para a drenagem das águas pluviais, tendo duas colunas de secção quadrangular onde ficava apoiada a viga central, com sentido S-N.

Registo fotográfico


13


14


15


16


17


18


19


20


21


22


23


24


25

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a preservar e integrar na urbanização, sendo desmontados o socalco estruturado e o muro que se encontram associados ao núcleo de moinhos (M3 e M4 nas Figuras 4 e 5).

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobrem o piso da estrutura e completar o registo fotográfico e descritivo. Acompanhamento arqueológico do desmonte das estruturas M3 e M4 e respectivos registos dos trabalhos.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 3 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 9m

Topónimo Morgado das Relvas 2

Coordenadas (UTM) 0558601,41 - 4107060,26 **Coordenadas (Lx)** 181442,56 - 15614,45

Categoria Arqueológico **Concelho** Silves

Tipologia Mancha de Ocupação **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Moderno-Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Baixo **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Não identificadas

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Indeterminado

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação DGPC, CNS 33915; NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "A noroeste dos celeiros ID 1 e 2, numa paisagem sem acidentes de relevo, surge uma pequena plataforma que se distingue pela presença de algumas árvores, foi possível identificar uma grande concentração de pedras e alguma cerâmica comum bastante fracturada. Foi ainda uma mó circular de pequenas dimensões." (NEMUS, 2007)

Caracterização Foi realizada a relocalização do sítio arqueológico com a finalidade de identificar eventuais impactes decorrentes das infraestruturas viárias.

Não se observaram os vestígios anteriormente identificados, todavia, os terrenos encontram-se actualmente com coberto herbáceo e arbustivo denso, dificultando a observação do solo.

Em toda a plataforma, até aos moinhos a Norte (Oc. 6), observam-se raros fragmentos de cerâmica doméstica e de construção dispersos, de pequenas dimensões e muito rolados, não se tendo identificado uma concentração de blocos pétreos ou relevo no terreno que indiciassem vestígios de antiga construção. Ao longo de um alinhamento de amendoeiras encontram-se alguns blocos pétreos, formando o que parecesse ser uma divisória de propriedade, com sentido SO-NE (linha na figura abaixo). A este deste alinhamento (polígono na figura abaixo) foi onde se identificou a maior concentração de blocos pétreos, todavia, o observado não corresponde a uma grande concentração, pelo que não se determinou se a mancha de dispersão anteriormente identificada corresponde a esta localização.

Os fragmentos cerâmicos observados poderão ter origem na dispersão causada pela agricultura e pela utilização de cerâmicas partidas conjuntamente com os fertilizantes orgânicos para oxigenação do solo, prática frequentemente utilizada até ao século XX.



Oc.3 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth

Registo fotográfico


26


27

Impactes no âmbito do PP Não se identificaram impactes decorrentes desta fase do PP.

Medidas Complementares Sinalização com barreira protectora e Acompanhamento arqueológico em fase de obra.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 12 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 13m

Topónimo Praia Grande 5

Coordenadas (UTM) 0558705 - 4106996 **Coordenadas (Lx)** 181545,60 - 015549,23

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Casal Rústico **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Moderno(?); Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio-Baixo **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Via primária C3 **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Mau

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "Casa em banda com várias divisões. Apesar do elevado estado de ruína, é possível perceber que deveria ser de duas águas. A entrada é virada a Sul. Parece ter possuído um espaço exterior murado. O sistema construtivo é em taipa." (NEMUS, 2007)

Caracterização Casal rústico com três fases construtivas (Figura 6), implantado numa ligeira elevação virada a Norte, com um declive suave neste sentido. Não foi possível identificar se as separações entre os corpos que constituem as fases construtivas se devem ao método construtivo adoptado num único momento ou se correspondem a ampliações posteriores da construção original. Todavia, toma-se como principio que a Fase 1 corresponde ao corpo central e inicial da construção, a Fase 2 a um acrescento para este e a Fase 3 a um acrescento para norte na extremidade oeste da Fase 1, tendo o conjunto uma forma em "L" e uma cobertura de duas águas em telha de meia cana. Os derrubes das paredes e da cobertura preenchem o interior e a envolvente da construção, havendo uma figueira de grande porte no interior, assim como outras árvores e arbustos, que não permitiram realizar uma caracterização integral da ocorrência.

Associado à construção, e arrancando contiguamente ao canto SO da Fase 1, encontra-se um extenso muro de propriedade (M9 nas Figuras 4 e 6) que termina junto às dunas da praia, assinalado na cartografia militar (Figura 1) e parcialmente incluído no levantamento topográfico (Figura 4). O referido muro é construído em alvenaria de pedra e argila, com 30 cm de espessura, sendo rebocado e caiado, com capeamento arredondado em argamassa e pedra.

Fase 1 - Planta rectangular, com paredes em taipa, com 50cm de espessura, rebocada e caiada. Para compensar o desnível do terreno foi construída uma plataforma em pedra e argamassa sobre a qual se ergueram as paredes em taipa. Apenas permanecem erguidos troços da parede externa a sul, da parede externa a norte (no canto NO) e a primeira divisória interna a oeste. Nas paredes externas a taipa foi erguida com recurso a colunas verticais a toda a altura, sendo a parede interna erguida, após as paredes externas, em colunas horizontais. É possível identificar pelo menos 5 pequenos compartimentos internos, sendo o

compartimento central uma cozinha, como indiciam os vestígios de fuligem nas paredes e o arranque de uma parede mais fina que poderia estar relacionada com uma zona de fogueira. Nos cunhais das paredes existentes foram utilizados blocos pétreos alongados e alguma tijoleira. A entrada está virada a Oeste e teria uma escadaria N-S contigua à fachada, provavelmente formando um estreito patamar.

Fase 2 – Apenas se encontra erguido um troço da parede externa a sul, estando esta claramente adossada à da Fase 1. O método construtivo diverge dos da Fase 1, sendo a taipa construída em blocos paralelepipédicos desencontrados. Forma um compartimento alongado que deveria ser um estábulo ou armazém, com uma estrutura ao longo da parede sul com diversas divisórias, podendo ser manjedouras ou tulhas de armazenamento. Parece ter tido uma porta virada a norte, contudo o entulho e o coberto herbáceo cobrem o local não permitindo esclarece-lo. No extremo este forma um segundo compartimento subquadrangular, com pelo menos duas divisões internas, parecendo estar o piso alteado relativamente ao compartimento anteriormente descrito. Para compensar o desnível do terreno e nivelar o piso da edificação as paredes a norte e a este foram executadas com recurso a alvenaria de pedra e argamassa, rebocada e caiada, tendo sido posteriormente aberta uma porta ou janela virada a norte, em tijolo de dois furos quadrangulares e argamassa. Em altura as paredes deveriam ser em taipa uma vez que no local não existe pedra em quantidade que se possa associar ao derrube de uma parede em pedra.

Fase 3 – Deveria ser um espaço aberto. Está claramente adossado à Fase 1 tendo sido construída uma plataforma em pedra e argamassa para compensar o desnível do terreno, sobre a qual se ergueram as paredes em alvenaria de pedra e argamassa, rebocada e caiada, sendo a argamassa mais acinzentada do que a da Fase 1. Não é perceptível quantas divisórias teria, parecendo ter pelo menos duas.

Registo fotográfico


28


29


30


31


32


33


34


35


36


37


38


39


40


41


42

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a demolir.

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar previamente a desmatação, abate de espécies arbóreas e limpeza do entulho que cobrem e envolvem a ocorrência, sobre a coordenação de um arqueólogo, tendo como finalidade completar o registo topográfico, fotográfico e descritivo que deverá ser realizado seguidamente; Completar igualmente o levantamento topográfico do muro M9 (Figura 4) que se encontra associado à ocorrência; Acompanhamento arqueológico da demolição das estruturas e respectivos registos dos trabalhos.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 13 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 5m

Topónimo Pixorra 1

Coordenadas (UTM) 059219,61 - 4106550,51 **Coordenadas** (Lx) 182056,29 - 15098,89

Categoria Arqueológico **Concelho** Silves

Tipologia Casal Rústico **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Moderno **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Via primária C1b **Ameaças** Não identificadas

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Indeterminado

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido a nulo

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação DGPC, CNS 33918; NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "Numa zona baixa, a Norte da lagoa dos Salgados, identificou-se uma mancha de materiais concentrada, de cerâmica comum e de construção." (NEMUS, 2007)

Caracterização Foi realizada a relocalização do sítio arqueológico com a finalidade de identificar eventuais impactes decorrentes das infraestruturas viárias.

Não se observaram os vestígios anteriormente identificados, todavia, os terrenos encontram-se actualmente com coberto herbáceo e arbustivo muito denso, onde existe uma vinha abandonada, dificultando ou impossibilitando a observação do solo.

Observam-se raros fragmentos de cerâmica doméstica e de construção muito dispersos, de pequenas dimensões e muito rolados, não se tendo identificado uma concentração de blocos pétreos ou relevo no terreno que indiciassem vestígios de antiga construção. A dispersão de materiais observada não se aproxima da estrada existente (C1b na Figura 3).

Registo fotográfico


43


44

Impactes no âmbito do PP Não se identificaram impactes decorrentes desta fase do PP.

Medidas Complementares Acompanhamento Arqueológico em fase de obra.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 15 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 14m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558778 - 4107028 **Coordenadas (Lx)** 181618,91 - 015580,57

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Eira **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio-Baixo **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Regular

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente Eira circular de grandes dimensões com murete de 30cm de altura. O topo é boleado. A estrutura parece estar razoavelmente conservada, no entanto, a densidade de mato que se lhe sobrepõem inviabiliza uma leitura mais pormenorizada." (NEMUS, 2007)

Caracterização Eira circular, nivelada com recurso a um maciço que a sobreleva, tendo um murete em alvenaria de pedra e argamassa com as faces rebocadas e capeamento arredondado. Pavimento em tijoleira rectangular.

Registo fotográfico


45


46

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a demolir.

Medidas Complementares Acompanhamento arqueológico da demolição da estrutura e respectivos registos dos trabalhos.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 17 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 12m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 558818,73 - 4106417,68 **Coordenadas (Lx)** 181654,07 - 14969,69

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Quinta **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio-Baixo **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Via primária C4 **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Mau

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Médio

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente A ocorrência não contém descrição.

Caracterização Núcleo agrícola que poderemos classificar como quinta. Tem cinco fases construtivas distintas (Figura 7) que correspondem à construção original (Fase 1) e a ampliações ou remodelações posteriores (Fases 2 a 5).

As fases construtivas foram diferenciadas pelas técnicas construtivas e materiais utilizados, assim como pelas evidências de sobreposição, encosto e condenação de paredes. Todas as estruturas foram diferenciadas numérica e alfabeticamente na Figura 7 para se proceder à sua associação a cada fase e descrição caso-a-caso. As construções associadas a cada fase poderão não ter decorrido em contínuo, mas certamente terão sido realizadas num curto espaço de tempo, de acordo com as técnicas construtivas utilizadas na região em dado momento e com o poder económico do proprietário. Tudo indicia que a principal exploração e fonte de rendimento da quinta seria o gado bovino.

Fases Construtivas

- Fase 1 – Engloba as estruturas CH, CH1, 1 e 11, sendo estas as estruturas originais da quinta. Técnicas construtivas e materiais: alvenaria de pedra e argamassa, coberturas em telha de meia cana sobre vigamento em madeira e forro interior em canas. Deverão tratar-se de estruturas do século XIX.
- Fase 2 – Engloba as estruturas PI, 6, 9, 10 e 14, deverá corresponder à ampliação da Fase 1 sendo construídos novos estábulos, um deles contiguamente ao existente, dando forma ao pátio interno (PI) da quinta. É também aberto um poço. Técnicas construtivas e materiais: fundações em alvenaria de pedra e argamassa, sendo as paredes erguidas com recurso a tijolo de solo-cimento, o que permite obter uma datação de posterior a finais dos anos 30 do século XX. O poço e respectiva casa do motor são igualmente construídos em tijolo de solo-cimento.

- Fase 3 – Engloba as estruturas CH2, 4, 5, 7, 8, 9, 15 e 17, sendo restruturadas algumas estruturas existentes e construídas novas. O pátio interno fica definido com as novas estruturas e é construída uma grande entrada que deveria ter um portão. As novas estruturas são sobretudo estábulos. Junto ao poço é construído um bebedouro rectangular e contiguamente à casa original um depósito de água. Técnicas construtivas e materiais: alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento, com estruturação em cimento armado. Segunda metade do século XX.
- Fase 4 – Engloba as estruturas 10, 12, 15, correspondendo à remodelação de um estábulo que poderia ser ainda aberto, à construção de um depósito de água sobreelevado e de um bebedouro contiguamente ao existente junto ao poço. Técnicas construtivas e materiais: maioritariamente cimento armado. Segunda metade do século XX.
- Fase 5 – Engloba as estruturas PE, 2, 3, 6, 13, 16, fase final de utilização da quinta, possivelmente nas últimas décadas do século XX, sendo toda a área a sul murada e criado um pátio externo (PE) com áreas de arrumação. Ao longo do tardoz da linha de estábulos a sul do pátio interno é construído um canal para canalizar as águas das lavagens e o estábulo contiguo à casa de habitação sofre uma remodelação. Técnicas construtivas e materiais: alvenaria de tijolo concreto e cimento, com estruturação em betão armado, sendo o estábulo fraccionado com recurso a tijolo cerâmico industrial e cimento, correspondendo esta à última remodelação na quinta, que aparentemente não foi concluída.

Estruturas

- Estrutura CH – Casa de habitação de planta rectangular, com um piso e cobertura de quatro águas em telha de meia cana, sobre vigamento em madeira e com forro interior em canas. Uma chaminé no canto SE. Do lado este destaca-se um corpo de dois pisos que corresponde a um estábulo no piso inferior e celeiro no superior, sendo a cobertura de duas águas, respeitando as inclinações da casa de habitação e com os mesmos materiais. As paredes são em alvenaria de pedra e argamassa, rebocadas e caiadas. A fachada está virada a sul, tendo uma porta a oeste e uma janela a este. A fachada oeste tem três janelas e a este uma janela no piso superior e uma porta no inferior. O tardoz não tem aberturas para o exterior, estando a metade este coberta pelo estábulo contiguo. As molduras exteriores das janelas e portas são simples e rectilíneas, com um remate superior destacado, em alvenaria.

  A casa de habitação tem pavimento em tijoleira e quatro divisões com portas comunicantes entre si. Do lado este, junto à esquina SE da casa tem um tanque ou bebedouro rectangular (CH1), em alvenaria idêntica à da casa, que deverá ser coevo da construção original. Na fachada principal, sob a janela da cozinha, tem um banco corrido em alvenaria (CH2). Parece ser de construção posterior, todavia está integralmente rebocado a cimento não sendo possível verificar o aparelho construtivo, o que levou a associá-lo à Fase 3.

  A divisão de entrada tem uma janela a oeste com vão reentrante e prateleiras encaixadas sob esta, uma porta de acesso à cozinha a este e uma porta de acesso ao compartimento central. O compartimento central tem uma janela a oeste com vão reentrante e prateleiras encaixadas sob esta e uma porta de acesso ao compartimento norte. O compartimento norte tem uma janela a oeste com vão reentrante e prateleiras encaixadas sob esta, uma arrumação reentrante na parede norte com prateleiras e uma porta de acesso ao estábulo na parede este. A cozinha tem uma chaminé com espaço de fogueira sobrelevada, no canto SE e um espaço de lavagens com bancada na parede sul, havendo uma fiada de prateleiras na parede este encaixada entre a chaminé e a parede norte.

  O estábulo tem um pavimento em cimento com reticulado para facilitar drenagem de lavagens, aparentemente um melhoramento posterior. O piso original deveria ser em tijoleira, como se observa junto à porta para o exterior na parede este. As paredes no piso inferior foram chapeadas a cimento, num trabalho de melhoramento. Como referido, tem uma porta para o exterior a este e uma porta de acesso ao estábulo contiguo na parede norte. Esta porta foi provavelmente aberta na Fase 3. Tem uma manjedoura ao longo da parede sul, com um nicho aberto na parede no canto SO, e uma manjedoura (ambas para animais de grande porte) de sentido S-N a oeste, afastada da parede e formando um corredor de acesso à porta para a casa e às escadas para o piso superior. A escada, em alvenaria, está localizada no canto NO e é formada por dois lanços com patamar intermédio. O primeiro lanço, na parede oeste, foi demolido, o segundo lanço, na parede norte, permanece in situ. No piso superior, o celeiro, tinha uma porta de serventia virada a norte para acesso directo ao celeiro e uma janela a este, que com a construção da estrutura 5 na Fase 3 foi fechada na metade inferior. O piso seria em sobrado tendo sido integralmente removido quando o celeiro foi

desactivado. Terá sido provavelmente na Fase 3 que se dão trabalhos de restruturação no estábulo-celeiro, sendo o celeiro desactivado. Momento que poderá estar na origem do emparedamento parcial da janela este, demolição do primeiro lanço de escada de acesso ao piso superior, de emparedamento da porta de serventia superior a norte e abertura de uma porta a norte no piso inferior, renovação do piso do estábulo e chapeamento a cimento nas paredes para consolidação da estrutura.

- Estrutura PI – o Pátio Interno terá começado a formar-se na Fase 2, com a construção de novos estábulos, e finalizado na Fase 3, com construção de novas estruturas, remodelação de estruturas existentes e encerramento do pátio com muros e um portão, dando ao núcleo principal da quinta uma forma em "U". Ao contrário do usual a parte central do pátio não é a fachada da casa, dado que na origem esta se encontrava virada a sul e assim se manteve, pelo que o pátio foi criado em função das construções executadas na Fase 2.

- Estrutura PE – O Pátio Externo foi definido na última fase de remodelação da quinta, a Fase 5, fechando um amplo espaço a sul das estruturas existentes, possivelmente tendo como finalidade criar novas áreas de arrumação para alfaias agrícolas, dando privacidade à casa de habitação cuja fachada se encontra virada nesta direcção e originando uma protecção de todo o património da quinta. O espaço seria integralmente fechado, apenas com uma passagem para norte junto ao canto SO da casa de habitação. A passagem agora existente resultou da demolição de dois troços do muro para abertura de uma via de acesso à praia, certamente já estaria a quinta abandonada quando tal foi executado.

- Estrutura 1 – Edifício de planta rectangular, com um piso e cobertura de uma água em telha de meia cana, sobre vigamento em madeira e forro interior em canas. Tem duas colunas de secção quadrangular para apoio da viga mestra. As paredes são em alvenaria de pedra e argamassa, rebocadas e caiadas. O pavimento é em cimento afagado. A fachada está virada a sul, tendo uma porta. O interior tem muros em tijolo e cimento a formar dois currais com bebedouros, tendo um espaço na entrada para acesso aos currais. Tendo origem na Fase 1 com finalidade indeterminada, mas provavelmente a mesma da fase posterior, o interior deverá ter sido remodelado na Fase 3 para abrigar animais de pequeno porte (cabras e/ou ovelhas).

- Estrutura 2 – Espaço coberto construído na Fase 5, com cobertura de uma água, provavelmente em chapa. É aberto a este, tendo dois pilares de secção quadrangular para apoio da cobertura. No lado oeste tem como parede o muro do PE, ao qual foram acrescentadas fiadas de tijolo concreto para dar pé direito e inclinação à cobertura, e à estrutura 1 a norte, sendo fechado por uma parede a sul. O pavimento é em cimento e serviria para guardar alfaias agrícolas.

- Estrutura 3 – Espaço coberto construído na Fase 5, com cobertura de uma água em chapa de fibrocimento ondulada, apoiada em vigas redondas em madeira. É aberto a este, tendo dois pilares de secção quadrangular para apoio da cobertura. No lado oeste e sul tem como parede o muro do PE, ao qual foram acrescentadas fiadas de tijolo concreto e fiadas de tijolo cerâmico industrial para dar pé direito e inclinação à cobertura, sendo fechado por uma parede a norte. O pavimento é em cimento, tem um tanque no canto NO e serviria para guardar alfaias agrícolas.

- Estrutura 4 – Depósito de água de formato cúbico construído na Fase 3. Foi construído adossado à parede este da casa de habitação, em cimento armado na base para criar um maciço e paredes em alvenaria indeterminada (aparentemente tijolo cerâmico industrial e comento), uma vez que se encontra integralmente rebocado a cimento, tendo uma torneira metálica a este. Posteriormente foi alteado com tijolo cerâmico industrial, tijolo concreto e cimento para colocação de uma cobertura em chapa ondulada com inclinação para sul.

- Estrutura 5 – Edifício de planta rectangular, com um piso e cobertura de uma água em telha de meia cana, sobre vigamento em madeira. As paredes são em alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento, rebocadas e caiadas. O pavimento é em cimento formando reticulado grosseiro para facilitar a drenagem de lavagens. Tendo uma porta e uma janela a sul e aberturas na parede a este. No interior um comedouro em tijolo e cimento e um muro divisório a formar um pequeno curral. Seria um estábulo para gado bovino que foi construído na Fase 3 adossado á parede este da casa de habitação e à parede sul da estrutura 6. A cobertura condenou a metade inferior de uma janela existente no celeiro original, como anteriormente descrito, e uma janela e porta muito estreita que existiam na estrutura 6, todavia estas não foram emparedadas e a porta manteve a ligação entre a estrutura 6 e este estábulo, sendo o acesso feito por um estreito corredor na traseira dos comedouros.

- Estrutura 6 – Edifico que corresponde a um estábulo para gado bovino cuja origem deve estar na Fase 2 mas que sofreu diversas melhorias e acrescentos em fases posteriores. De planta rectangular com cobertura de duas águas em telha de meia cana sobre vigamento em madeira e pavimento em cimento afagado. A oeste está adossada ao tardoz da casa de habitação, cobrindo cerca de metade deste. Nesta área parece ter tido uma estrutura mais pequena que poderá ter sido uma divisória para arrumos no exterior do estábulo e/ou um patamar para aceder à porta superior norte do celeiro original. Já na Fase 5 a área foi ampliada em toda a largura e altura do estábulo com recurso a tijolo cerâmico industrial e cimento, contendo uma divisória no mesmo canto, o SO, trabalho que parece não ter sido concluído e o único onde a cobertura já ruiu. As paredes originais são construídas com fundações em alvenaria de pedra e argamassa, sendo as paredes erguidas com recurso a tijolo de solo-cimento, rebocadas e caiadas. A parede sul corresponde à fachada original tendo uma estreita porta e uma janela, condenadas pela construção da estrutura 5 e uma grande porta de entrada e a parede este tem uma janela. A parede norte sofreu diversas remodelações. Na origem seria mais fina do que a parede sul, com pilares destacados onde apoiam as traves mestras e aberta na parte superior. Posteriormente foi espessada na metade oeste e as áreas abertas fechadas com tijolo cerâmico industrial colocado desencontradamente para permitir a circulação de ar. As portas e janelas têm os mesmos acabamentos exteriores da casa de habitação.

- Estrutura 7 - Espaço coberto construído na Fase 3, com cobertura de uma água em telha de meia cana apoiada em vigas de madeira. Construída em alvenaria de tijolo industrial e cimento, é aberto a sul, tendo dois pilares de secção quadrangular para apoio da cobertura. No lado oeste está adossada à estrutura 6, sendo fechado por uma parede a norte e pela estrutura 8 a este. Serviria para guardar alfaias agrícolas.

- Estrutura 8 - Edifício de planta rectangular, com um piso e cobertura de uma água em telha de meia cana, sobre vigamento em madeira. As paredes são em alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento, rebocadas e caiadas. O pavimento é em cimento formando reticulado grosseiro para facilitar a drenagem de lavagens. Tendo uma porta e uma janela a sul. No interior um comedouro em tijolo e cimento e um muro divisório a formar dois pequenos currais. Seria um estábulo para gado bovino que foi construído na Fase 3.

- Estrutura 9 – Edifício de planta rectangular que conjuntamente com as estruturas 10 e 11 formam uma linha de edifícios com diferentes volumetrias e altimetrias, sendo observável diversas alterações. Poderá ter sido na origem um redil aberto em alvenaria de pedra e argamassa, construído na Fase 2, ou mesmo na Fase 1, que estaria interligado com a estrutura 10 e terminaria adossado à estrutura 11. Posteriormente, provavelmente na fase inicial da Fase 3, foram erguidas paredes em tijolo cerâmico de dois furos a este e a oeste e subidas as paredes norte e sul e colocada uma cobertura de uma água em telha de meia cana apoiada sobre vigas de madeira, transformando o espaço num estábulo com uma grande porta virada a sul e uma porta a norte e pavimento em cimento afagado. Talvez na fase 4 o espaço interior é remodelado com a construção de seis currais individuais, com bebedouro, e emparedada a grande porta a norte, sendo o aparelho construtivo em tijolo cerâmico industrial e cimento.

- Estrutura 10 - Edifício de planta quadrangular que conjuntamente com as estruturas 9 e 11 formam uma linha de edifícios com diferentes volumetrias e altimetrias, sendo observável diversas alterações. Poderá ter sido na origem um redil aberto em alvenaria de pedra e argamassa, construído na Fase 2, ou mesmo na Fase 1, que estaria interligado com a estrutura 9 e terminaria adossado à estrutura 11. Posteriormente, provavelmente na Fase 4, foram erguidas paredes em tijolo cerâmico industrial e cimento a norte e a sul e reforçada a parede este da estrutura 11 com cimento armado, transformando o espaço num estábulo com uma porta virada a norte e janelas a sul. A cobertura é de uma água em telha de meia cana sobre vigamento em madeira, estando a trave mestra apoiada em dois pilares de secção quadrangular em betão armado e o pavimento em cimento afagado. Faz um corredor interno ao longo de toda a fachada, separado do estábulo por um muro com porta, tendo bebedouros.

- Estrutura 11 - Edifício de planta rectangular que conjuntamente com as estruturas 9 e 10 formam uma linha de edifícios com diferentes volumetrias e altimetrias, sendo observável diversas alterações. Paredes em alvenaria de pedra e argamassa, rebocadas e caiadas, com cobertura de duas águas em telha de meia cana, sobre vigamento em madeira e forro interior em canas. Ao longo da parede oeste tem comedouro para gado bovino, uma porta a norte e uma janela a sul. O pavimento é em cimento com reticulado para facilitar drenagem de lavagens. Deverá estar associado à Fase 1.

- Estrutura 12 – Depósito de água cúbico, sobrelevado sobre quatro pilares, em cimento armado. Possivelmente construído na Fase 4 para abastecimento directo das instalações pecuárias e da casa de

habitação.

- Estrutura 13 – Canal de drenagem das águas de lavagens das estruturas 9, 10 e 11. Construído em tijolo concreto ao longo do tardoz das estruturas, recebia as águas por perfurações nas paredes e drenava para os terrenos a sul a partir de um canal no extremo este. Tem tijolo concreto de placa a cobrir o canal, deixando aberturas espaçadamente. Melhoramento que deverá ter sido construído na Fase 5.
- Estrutura 14 – Poço circular, construído na Fase 2, com guarda em redor e estruturado no interior em tijolo de solo-cimento, formando três anéis internos que o vão estreitando em profundidade. O quarto NE do poço está coberto por uma casa para a bomba de água, sendo esta rectangular, com paredes no mesmo material e cobertura de uma água em telha de meia cana.
- Estrutura 15 – Bebedouro rectangular ao nível do solo, construído a sul do poço na Fase 3, em alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento. Em fase posterior, provavelmente na Fase 4 ou 5, é construído um segundo bebedouro de idêntica dimensão, adossado a este do primeiro, mas alteado, sendo em alvenaria de tijolo concreto e cimento.
- Estrutura 16 – Muro a fechar toda a envolvente sul da quinta no início da Fase 5, formando o Pátio Externo, em alvenaria de tijolo concreto e cimento.
- Estrutura 17 – Muro que fecha o Pátio Interno na Fase 3, em alvenaria de tijolo cerâmico industrial e cimento, rebocado, formando uma grande entrada virada a este com pináculos destacados.

Registo fotográfico


47


48


49


50


51


52


53


54


55


56


57


58


59


60


61


62


63


64


65


66


67


68


69


70


71


72


73


74


75


76


77

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a demolir.

Medidas Complementares Acompanhamento arqueológico da demolição das estruturas e respectivos registos dos trabalhos.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 18 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 14m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558773 - 4106999 **Coordenadas (Lx)** 181613,64 - 015551,61

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Casa Agrícola **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Baixo **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Mau

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente A ocorrência não contém descrição.

Caracterização Casa do moleiro e/ou para armazenamento de cereais, em avançado estado de ruína, estando erguidos troços de parede externa a oeste e este. De planta rectangular com cobertura em telha de meia cana e vigamento de madeira, paredes em alvenaria de pedra com enchimento em pedra e argila, rebocadas a argamassa e caiadas, com 55cm de espessura. A fachada principal está virada a oeste, com uma porta e uma janela, com ombreiras em blocos pétreos sobrepostos e lintel em blocos pétreos postos a pino. No exterior, sobre a porta e ao longo de toda a fachada parece ter tido um telheiro com apoios em madeira cravados na parede. Apesar da quantidade de entulho que enche e envolve a estrutura é possível verificar que não teria divisórias internas, dado não se verificarem arranques de paredes internas adossadas às externas. Não foi possível determinar o tipo de pavimento por se encontra coberto com entulho. No extremo sul foi posteriormente construído um pequeno cercado adossado à parede exterior, em alvenaria de pedra e argamassa, rebocado e caiado, possivelmente para guardar animais de carga. Na fase final de utilização da estrutura os muros do cercado foram alteados com recurso a tijolo cerâmico industrial e cimento.

Registo fotográfico


78


79


80


81

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a demolir.

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobrem o piso da estrutura e completar o registo fotográfico e descritivo. Acompanhamento arqueológico da demolição da estrutura e respectivos registos dos trabalhos.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 19 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 13m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558748 - 4107002 **Coordenadas (Lx)** 181588,66 - 015554,84

Categoria Arquitectónico; Etnográfico **Concelho** Silves

Tipologia Moinho de Vento (Celeiro 4) **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Contemporâneo **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Médio **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Abandono

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Regular

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação NEMUS (2007); ECOBASE (2013).

Descrição pré-existente "Estrutura circular de dois pisos. A cobertura é de duas águas em telha portuguesa. O acesso ao interior faz-se por uma porta com um degrau. O segundo piso é aberto e acede-se por uma escada em caracol ao longo da parede. O chão do piso térreo é em tijoleira. " (NEMUS, 2007)

Caracterização Moinho de vento desactivado e transformado em celeiro, que integra um núcleo moageiro constituído por três moinhos de vento, uma eira e uma casa de apoio, possivelmente a casa do moleiro (Figura 5).

Moinho de vento de tipo mediterrânico, de torre fixa e, possivelmente, capelo giratório. Estrutura cilíndrica, de dois pisos interiores, construída em alvenaria de pedra (calcário) e argamassa amarelada, com 1.20m de espessura na parte inferior, e rebocado a argamassa. No núcleo de três moinhos onde se encontra integrado é o que sofreu mais alterações a nível estrutural, tendo sido colocada placa em cimento armado na cobertura, fazendo um terraço aberto no topo, e consolidado o piso superior (observável no interior e exterior). As remodelações que sofreu indiciam que o espaço poderá ter sido adaptado a habitação e não a celeiro.

A porta está virada a este, com duas janelas no piso superior, uma virada a este, outra a oeste, sendo visível nesta última que o lintel é em pedra posta a pino. Em redor da parede externa são visíveis dois remates em cimento que correspondem às alterações no piso superior e na cobertura.

O piso térreo é formado por um compartimento com tecto abobadado. Todo o interior está rebocado a argamassa e caiado de branco. O piso encontra-se coberto com lixo e entulho não se observando as características deste. No lado norte arranca uma escadaria para o piso superior, contornando a parede. Tem 12 degraus em calcário, com desgaste visível, e cerca de 0.65m de largura. Sobre a escadaria tem um piso em soalho (com vigas redondas cravadas na parede), com alçapão, para cobrir a abertura da escadaria.

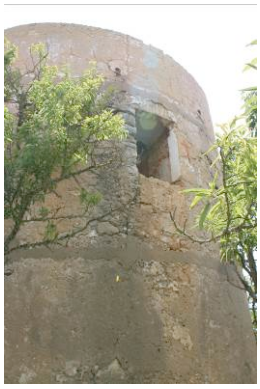
O piso superior tem o pavimento em tijoleira. Todo o piso sofreu grandes alterações não havendo qualquer

vestígio do mecanismo do moinho de vento. Trata-se de uma sala ampla com uma escadaria de 11 degraus a norte (em alvenaria capeada a tijoleira), para aceder ao terraço. Foi colocada uma cobertura apoiada sobre vigamento de madeira cravado na parede, em lajes de calcário, pedra e argamassa e pavimento em tijoleira. Posteriormente foi colocado sobre este pavimento uma placa em cimento armado, certamente por causa de infiltrações. As paredes estão rebocadas a cimento e caiadas, sendo visível nas paredes onde caiu o reboco duas tonalidades de argamassa que indiciam pelo menos um restauro.

O terraço tem pavimento em cimento alisado e um muro de protecção em redor com furos de drenagem. Sobre a escada foi construída uma estrutura fechada em tijolo cerâmico industrial e cimento que deveria proteger a entrada (aparentemente fechada por um alçapão) das águas pluviais. Actualmente apenas se encontra preservada a parede erguida sobre a parede do moinho.

Registo fotográfico


82


83


84


85


86


87


88


89

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a preservar e integrar na urbanização.

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar a limpeza do lixo e entulho que cobrem o piso térreo e completar o registo fotográfico e descritivo.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 21 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 9m

Topónimo Morgado das Relvas 4

Coordenadas (UTM) 558745,66 - 4107185,09 **Coordenadas (Lx)** 181588 - 15738

Categoria Arqueológico **Concelho** Silves

Tipologia Mancha de Ocupação **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Paleolítico e Neolítico **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Indeterminado **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Não identificadas

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Indeterminado

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação DGPC, CNS 33919.

Descrição pré-existente "Numa grande área numa vertente virada a norte foram recolhidos vários artefactos líticos e cerâmica. Foram identificados núcleos, lascas de quartzito e um fragmento de cerâmica manual." (Base de dados Endovélico).

Caracterização Foi realizada a relocalização do sítio arqueológico com a finalidade de identificar eventuais impactes decorrentes das infraestruturas viárias.

Não se observaram os vestígios anteriormente identificados, todavia, os terrenos encontram-se actualmente com coberto herbáceo e arbustivo denso, onde existe uma vinha abandonada, dificultando a observação do solo.

Não se identificaram vestígios que se possam atribuir à Pré-História. Apenas se identificaram raros fragmentos dispersos de cerâmica doméstica e de construção contemporânea, muito fragmentada e rolada, que poderão ter origem na dispersão causada pela agricultura e pela utilização de cerâmicas partidas conjuntamente com os fertilizantes orgânicos para oxigenação do solo, prática frequentemente utilizada até ao século XX.

Na coordenada 0558715 – 4107157 (muito próxima da obtida na base de dados da DGPC) existe um afloramento de calcário que foi aproveitado no lado oeste para criar um socalco de contenção de terras (M2 na Figura 4), sobre o qual se encontra uma figueira. Em torno deste afloramento foi onde se identificaram mais materiais de superfície, não se podendo contudo considerar uma concentração.

A dispersão de materiais observada não se aproxima se aproxima do caminho existente (C6 na Figura 3).

Registo fotográfico


90


91


92


93

Impactes no âmbito do PP Não se identificaram impactes decorrentes desta fase do PP.

Medidas Complementares Acompanhamento Arqueológico em fase de obra.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Nº 22 **Data** Maio de 2017 **CMP** 604 **Altitude** 12m

Topónimo Morgado das Relvas

Coordenadas (UTM) 0558707 - 4107027 **Coordenadas (Lx)** 1815478,88 - 015580,22

Categoria Não determinado **Concelho** Silves

Tipologia Poço(?) **Freguesia** União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra

Cronologia Indeterminado **Lugar** Armação de Pêra

Classificação Não tem **Proprietários** Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Valor cultural Indeterminado **Uso do solo** Baldio

Posição v. projecto Vias secundárias, internas da urbanização **Ameaças** Não identificadas

Tipo de trabalho Prospecção-Levantamento **Estado de conservação** Indeterminado

Morfologia do terreno Peneplanície **Visibilidade para estruturas** Médio

Acesso EM 526, em rotunda seguir para Oeste pela Rua de Relvas **Visibilidade para artefactos** Reduzido a nulo

Espólio Não foi recolhido espólio arqueológico

Fonte de informação Inédito.

Descrição pré-existente Inexistente.

Caracterização Anomalia no solo constituída por uma depressão subcircular, localizada a norte do moinho com o número de Oc. 2 e no lado oposto do caminho em terra que atravessa o local. A depressão com 2m x 2.5m está preenchida com lixo e entulho e poderá tratar-se de um poço desactivado e entulhado (ou outra estrutura negativa associada aos moinhos), sendo também de considerar a possibilidade de ser simplesmente uma cavidade aberta no solo para efectuar despejos e eventual queima.

Registo fotográfico


94


95

Impactes no âmbito do PP Ocorrência a afectar nesta fase do projecto.

Medidas Complementares Em fase de obra efectuar previamente a limpeza manual até profundidade que permita determinar se a anomalia corresponde a um poço entulhado ou a uma simples cavidade aberta para despejo de lixo. Mediante os resultados obtidos deverá determinar-se se a ocorrência justifica escavação arqueológica prévia.

Responsáveis Mário Monteiro e João Carlos Caninas

Anexo 2. Zonamento da prospecção arqueológica

Zona	VE VA	Caracterização e registo fotográfico
A	Médio Reduzido	A área de estudo é actualmente composta, quase integralmente, por terrenos incultos. Trata-se de antigos terrenos agrícolas onde se observam variados talhões que eram ocupados por vinha (com sulcos e restos de cepas secas), sendo perceptível que os restantes terrenos eram lavrados e/ou modelados para a prática agrícola. Apenas se encontram em exploração um pequeno talhão, com horta e vinha, a Este da Oc. 12, até à estrada alcatroada que atravessa a AE de Norte para Sul, e alguns talhões, com vinha, ao longo do caminho em terra batida, de sentido SO-NE, que liga a referida estrada à estrada municipal 526. O solo encontra-se com coberto herbáceo baixo e denso, tendo manchas arbustivas dispersas (giesta) e arbóreo muito disperso (predominantemente figueiras e amendoeiras). A visibilidade para a identificação de materiais arqueológicos à superfície é no geral reduzida, havendo pontualmente pequenas manchas onde é média ou nula.  118  119

Zona. Identificação e delimitação de áreas sequenciais, em termos de ocupação actual e/ou visibilidade, com dimensão significativa à escala cartográfica utilizada.

Parâmetros. VE = visibilidade para detecção de estruturas, acima do solo (elementos imóveis); **VA** = visibilidade para detecção de artefactos, ao nível do solo (elementos móveis).

Graus de visibilidade. **Elevado** = ausência de vegetação (arbórea, arbustiva e herbácea) devido a incêndio, desmatação ou lavra recente. Observa-se a totalidade (ou quase) da superfície do solo; **Médio** = a densidade da cobertura vegetal é mediana ou existem clareiras que permitem a observação de mais de 50% da superfície do solo; **Reduzido** = a densidade da vegetação impede a progressão e/ou a visualização de mais de 75% da superfície do solo; **Nulo** = zona artificializada, impermeabilizada ou oculta por se encontrar ocupada por construções, depósitos de materiais, pavimentos ou vegetação densa impedindo, desta forma, a progressão e a visualização do solo na totalidade da área considerada; **Div** = diversos graus de visibilidade.

Caracterização. Descrição da ocupação e visibilidade do solo e registo fotográfico.

Anexo 3. Registo fotográfico geral

LEGENDA



01 – Oc. 1, vista de norte



02 – Oc. 1, entrada a sul



03 – Oc. 1, vista de oeste



04 – Oc. 1, vista de este



05 – Oc. 1, soleira de porta e andorinho



06 – Oc. 1, piso térreo, escadaria e gravações na parede entre ambos



07 – Oc. 1, Piso térreo, perfurações de mecanismo na cobertura



08 – Oc. 1, arco e nicho na escadaria



09 – Oc. 1, rosa-dos-ventos gravada no interior sobre a porta



10 – Oc. 1, rosácea gravada na parede no piso térreo



11 – Oc. 1, pormenor do fechal em pedra



12 – Oc. 1, fechal em pedra, peças do sarilho e coluna para elevação da cobertura



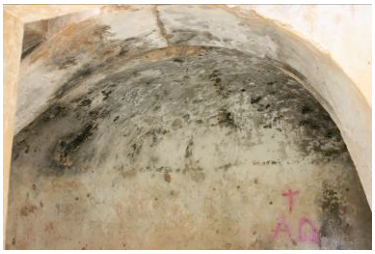
13 – Oc. 2, entrada a este



14 – Oc. 2, vista de oeste



15 – Oc. 2, cantaria da porta e andorinhos



16 – Oc. 2, abóboda do piso térreo



17 – Oc. 2, estruturas no piso térreo



18 – Oc. 2, Piso térreo, perfurações de mecanismo na cobertura



19 – Oc. 2, escadaria



20 – Oc. 2, arco para sustentar alçapão sobre a escadaria



21 – Oc. 2, janela este e parapeito para drenagem de águas



22 – Oc. 2, fechal em pedra



23 – Oc. 2, fechal em pedra e elementos do sarilho do moinho



24 – Oc. 2, cobertura e coluna para elevação



25 – Muro M3 na envolvente da Oc. 2, vista de sul



26 – Oc. 3, área indicada como localização da concentração



27 – Oc. 3, alinhamento de árvores com blocos pétreos ao longo desta



28 – Oc. 12, vista de oeste, fachada principal e parede de divisória interna



29– Oc. 12, Fase 1 - parede externa sul



30 – Oc. 12, Fase 1, possível cozinha



31 – Oc. 12, Fase 1 – Escada de entrada a osete



32 – Oc. 12, arranque do muro M9



33 – Oc. 12, muro M9



34 – Oc. 12, Fase 2 – comedouros ou tulhas



35 – Oc. 12, Fase 2 - parede externa sul



36 – Oc. 12, Fase 2 – comedouros ou tulhas e encosto de paredes da Fase 1 e 2 a sul



37 – Oc. 12, Fase 2 – maciço a este com janela ou porta, vista de norte



38 – Oc. 12, Fase 2 – maciço a este, vista de este



39 – Oc. 12, Fase 2 – maciço a este, vista de oeste



40 – Oc. 12, Fase 3 – maciço a oeste, vista de norte



41 – Encosto entre paredes da Fase 1 e 3



42 – Oc. 12, Fase 3, interior, vista de este



43 – Oc. 13, área indicada como localização da concentração, vista de este



44 – Oc. 13, área indicada como localização da concentração, vista de oeste



45 – Oc. 15, vista de sul



46 – Oc. 15, pormenores construtivos



48 – Oc. 17, Fase 1 - fachada da CH



49 – Oc. 17, Fase 1 - CH, pormenor do forro interno da cobertura



50 – Oc. 17, Fase 1 – CH, Pormenor do pavimento



51 – Oc. 17, Fase 1 – CH1



52 – Oc. 17, Fase 1 – CH, Pormenor de parede com arrumação



53 – Oc. 17, Fase 1 – CH, Pormenor da chaminé com lareira e arrumações



54 – Oc. 17, Fase 1 – CH, estábulo visto de norte



55 – Oc. 17, Fase 1 – CH, estábulo visto de sul



56 – Oc. 17, Fase 1 – CH, pormenor do estábulo na entrada este



57 – Oc. 17, Fase 3 – PI, vista para o 17, portão e muro



58 – Oc. 17, Fase 5 – PE, muro 16 visto de este



59 – Oc. 17, Fase 1 – CH, 1 no interior



60 – Oc. 17, Fase 5 – pormenor do 2



61 – Oc. 17, Fase 5 – pormenor do 3



62 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor do 4



63 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor interior do 5



64 – Oc. 17, Fase 2 – pormenor interior do 6



65 – Oc. 17, Fase 2 e Fase 5 – pormenor interior do 6



66 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor do 7



67 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor do 8



68 – Oc. 17, Vista de sul do tardoz dos 9, 10 e 11



69 – Oc. 17, Fase 3 – fachada do 9



70 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor interior do 9



71 – Oc. 17, Fase 4 – fachada do 10



72 – Oc. 17, Fase 4 – pormenor interior do 10



73 – Oc. 17, Fase 1 – fachada do 11



74 – Oc. 17, Fase 3 – pormenor interior do 11



75 – Oc. 17, Fase 4 – vista de norte do 12



76 – Oc. 17, Fase 5 – troço final do 13



77 – Oc. 17, Fase 3 – conjunto no PE, vista de sul dos 14 e, 15



78– Oc. 18, fachada vista de SO



79 – Oc. 18, vista de sul



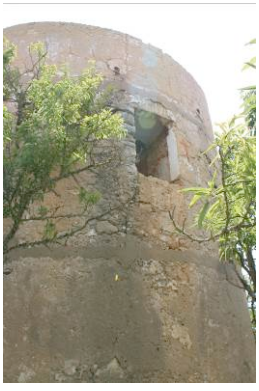
80 – Oc. 18, vista de norte



81 – Oc. 18, encosto entre casa e redil



82 – Oc. 18, vista de SO



83 – Oc. 18, vista de oeste



84 – Oc. 18, abóboda no piso térreo



85 – Oc. 18, escadaria para piso superior



86 – Oc. 18, cobertura com alçapão da escadaria para o piso superior



87 – Oc. 18, escadaria para o terraço



88 – Oc. 18, pormenores de fases construtivas no piso superior



89 – Oc. 18, terraço



90 – Oc. 21, área indicada como localização da concentração, vista de norte



91 – Oc. 21, área indicada como localização da concentração, vista de sul



92 – Oc. 21, muro M2



93 – Oc. 21, materiais observados na área



94 – Oc. 22, vista de norte



95 – Oc. 22, pormenor da depressão



96 – Via C1a, vista para o extremo norte



97 – Via C1a, vista para o extremo sul



98 – Via C1b, vista a partir do extremo norte e muro M4



99 – Via C1b, vista a partir do extremo sul



100 – Via C1c, vista para o extremo norte e tanque de preparação de sulfatos



101 – Via C1c, vista para o extremo sul



102 – Via C2, vista para o extremo oeste



103 – Via C2, vista para o extremo este, na ligação à EM526



104 – Via C3, vista para a Oc. 12



105 – Via C3, vista no extremo oeste junto a muro M5



106 – Via C4, vista para a Oc. 17



107 – Via C4, vista para o extremo oeste



108 – Via C5, vista de SO junto ao muro M6 e tanque de preparação de sulfatos



109 – Via C6, vista de oeste junto ao muro M1



110 – Muro M1, pormenor, vista de oeste



111 – Muro M3, pormenor



112 – Muro M3, pormenor



113 – Muro M4, pormenor



114 – Muro M5, pormenor



115 – Muro M6, vista de este



116 – Muro M7, pormenor, vista de sul



117 – Muro M8, pormenor, vista de oeste



118 – Vista panorâmica de caracterização da visibilidade do solo (zonamento)



119 – Vista panorâmica de caracterização da visibilidade do solo (zonamento)

Anexo 4. Figuras

Figura 1 – Localização da Área de Incidência Directa do Projecto sobre extracto da Carta Militar de Portugal

Figura 2 – Zonamento (Visibilidade do solo) da prospecção arqueológica sobre ortofotomapa

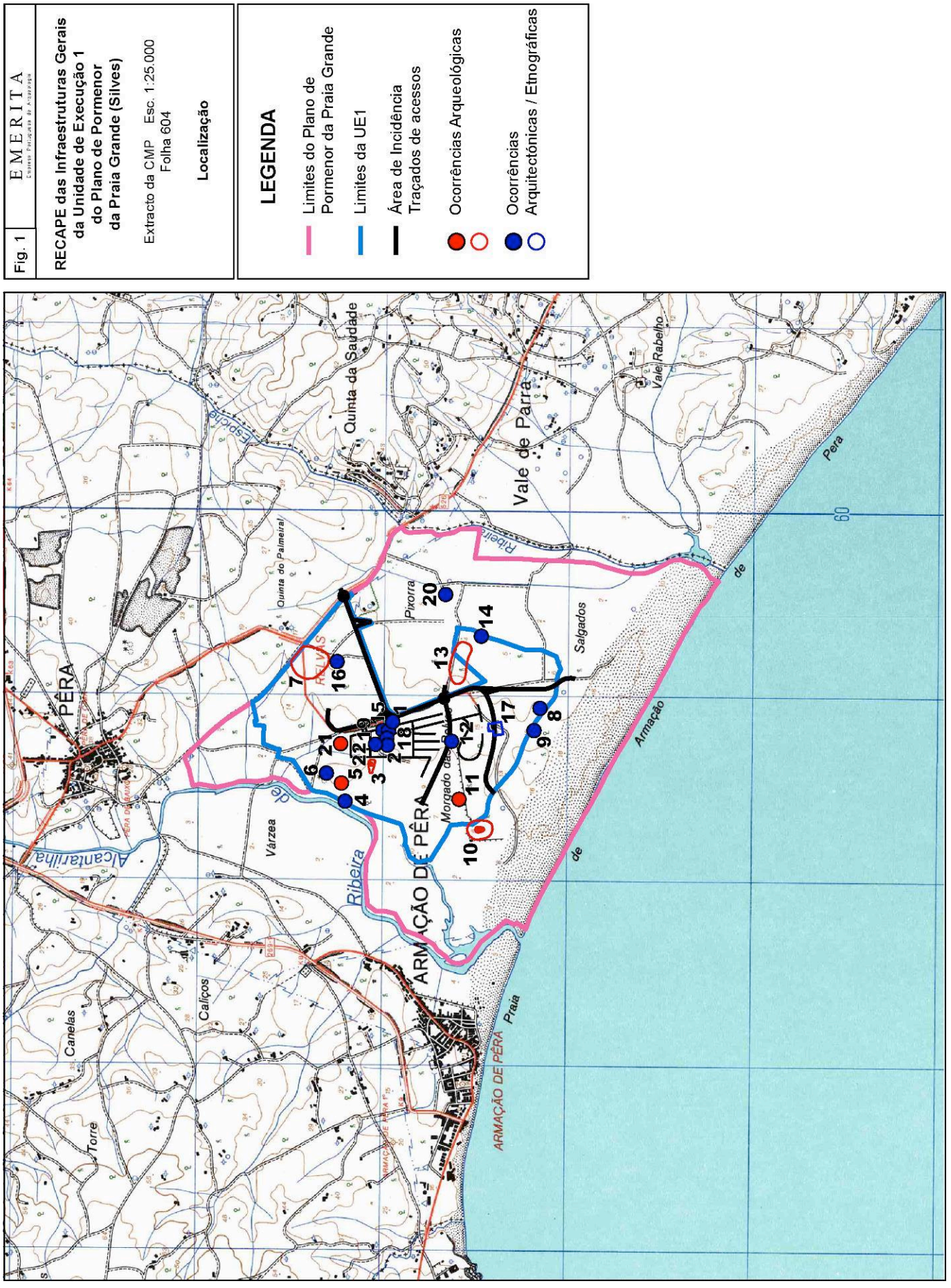
Figura 3 – Planta de Projecto - Acessos

Figura 4 – Levantamento Topográfico da AI – Muros e Acessos

Figura 5 – Desenho Esquemático sobre Levantamento Topográfico – Oc. 1, 2, 15, 18, 19, 22, M3 e M4

Figura 6 – Desenho Esquemático sobre Levantamento Topográfico – Oc. 12

Figura 7 – Desenho Esquemático sobre Levantamento Topográfico – Oc. 17


Fig. 1
EMERITA
RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)
Extracto da CMP Esc. 1:25.000
Folha 604
Localização
LEGENDA
Limites do Plano de Pormenor da Praia Grande
Limites da UE1
Área de Incidência
Traçados de acessos
Ocorrências Arqueológicas
Ocorrências Arquitectónicas / Etnográficas
PÊRA
ARMAÇÃO DE PÊRA
Quinta da Saudade
Vale de Parra
Vale Rabelho
Quinta do Palmeiral
Pixorra
Salgados
Morgado das
Várzea de
Ribeira de
Alcantarilha
Canelas
Caliços
Torre
Armação de
Pera
Praia
ARMAÇÃO DE PÊRA
ALTAIS
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

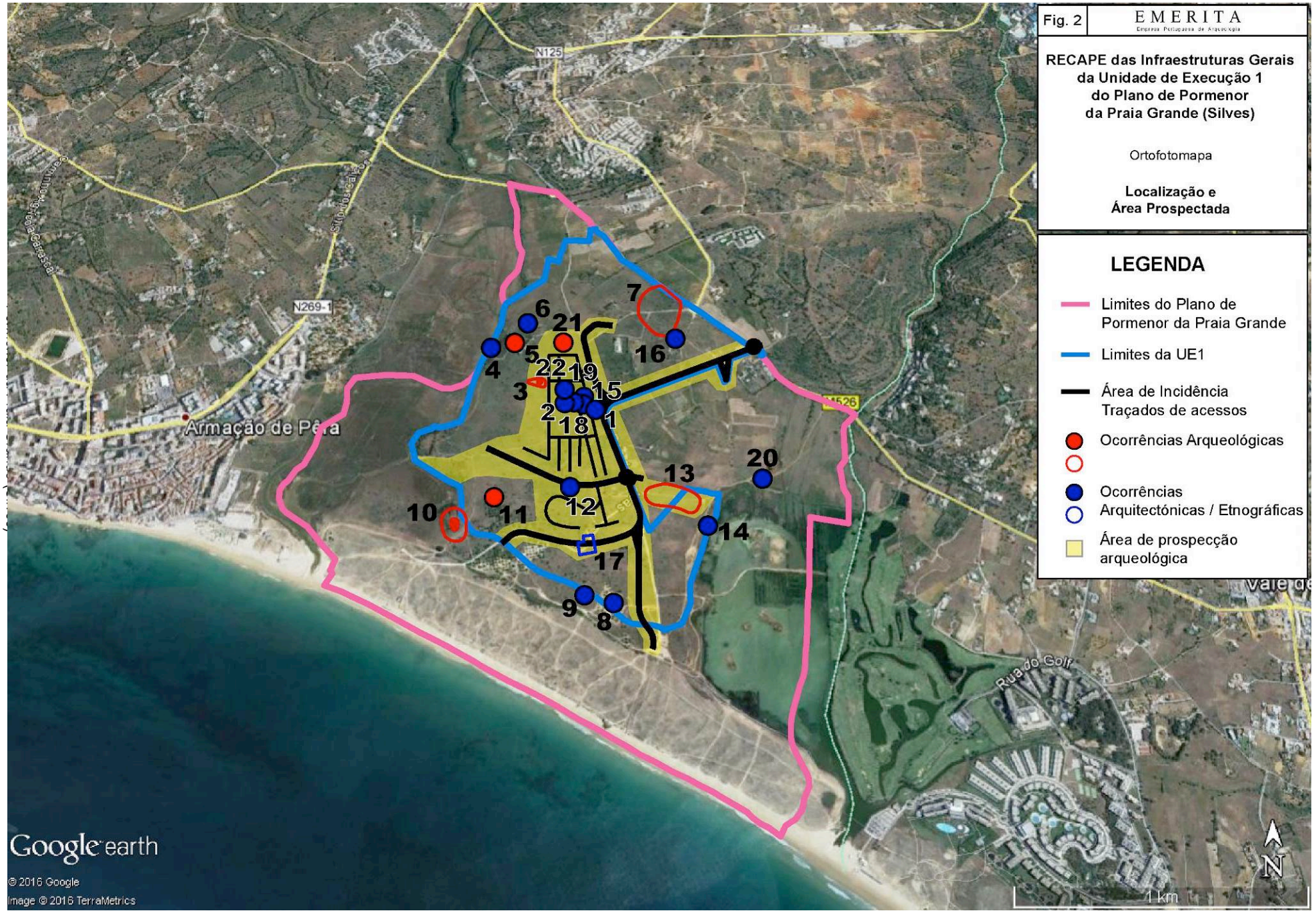

Fig. 2
EMERITA
Empresa Portuguesa de Arqueologia
RECAPE das Infraestruturas Gerais
da Unidade de Execução 1
do Plano de Pormenor
da Praia Grande (Silves)
Ortofotomapa
Localização e
Área Prospectada
LEGENDA
Limites do Plano de Pormenor da Praia Grande
Limites da UE1
Área de Incidência Traçados de acessos
Ocorrências Arqueológicas
Ocorrências Arquitectónicas / Etnográficas
Área de prospecção arqueológica
N125
N269-1
Armação de Pêra
Rua do Golf
1 km
N
Google earth
© 2016 Google
Image © 2016 TerraMetrics

Fig. 3

EMERITA
Empresa Portuguesa de Arqueologia

RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Planta de Projecto

(figura executada com base na Planta de Elementos Patrimoniais realizada no âmbito do EIA, 2013

LEGENDA:

- Limite do Plano de Pormenor da Praia Grande
- Limite da UE1 do Plano de Pormenor da Praia Grande
- Limite do Parque Ambiental
- Elemento patrimonial — arqueológico
- Elemento patrimonial — arquitectónico / etnográfico
- Área de dispersão de vestígios à superfície
- Área de maior densidade de vestígios à superfície
- Perímetro externo do edifício
- Vias (C) - traçado indentificativo do código alfanumérico atribuído

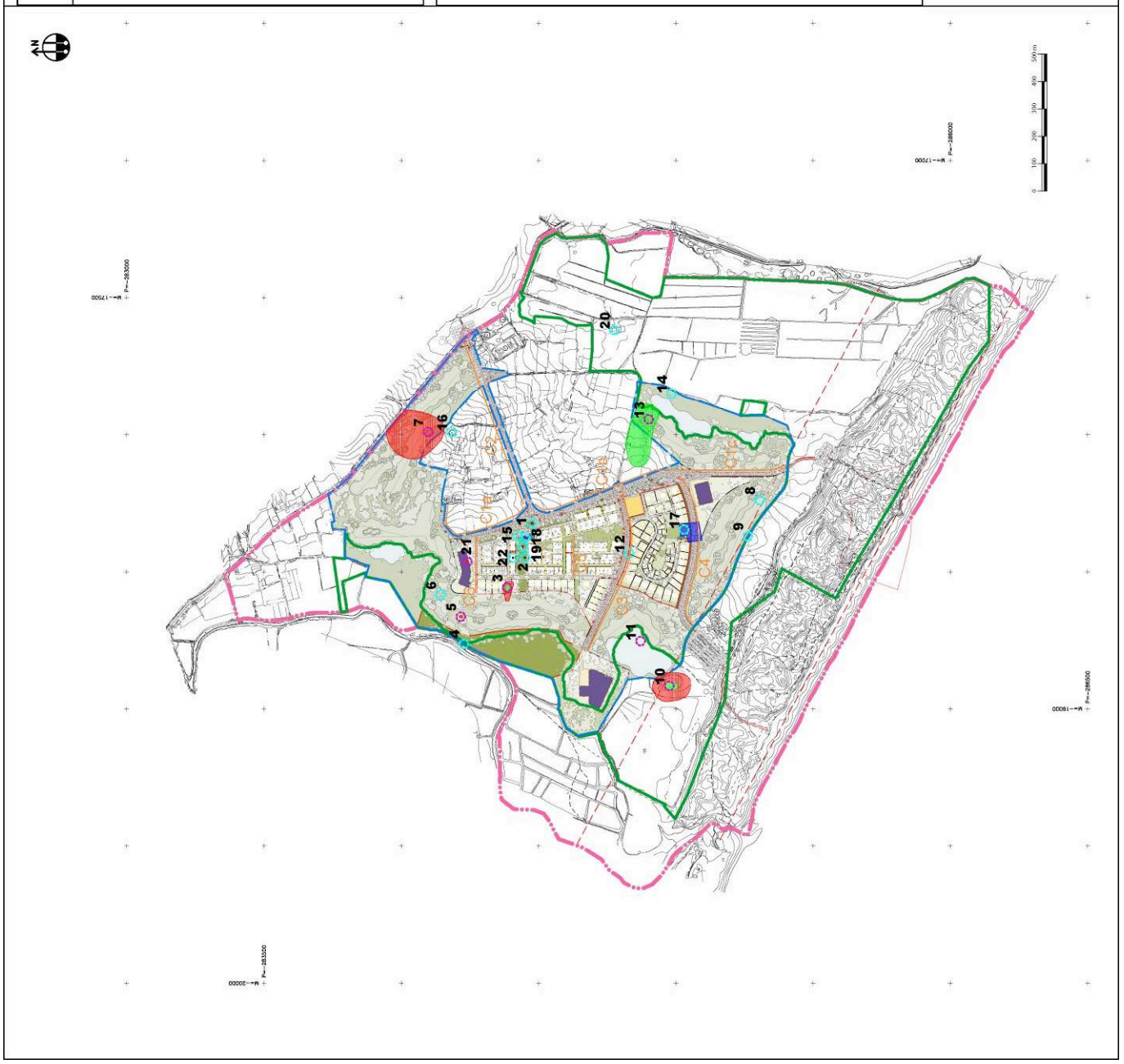


Fig. 4 EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia

RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Levantamento Topográfico
Localização de Muros e Socalcos

(figura executada com base no Levantamento Topográfico do terreno)

LEGENDA

- Ocorrências Patrimoniais
- Muros e Socalcos (M)
- Vias (C) - traçado indentificativo do código alfanumérico atribuido



M1 e **M2** - Fotografia Aérea extraída do Google Earth



M3 e **M4** - Fotografia Aérea extraída do Google Earth



M5 e **M6** - Fotografia Aérea extraída do Google Earth



M7 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth



M8 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth



M9 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth

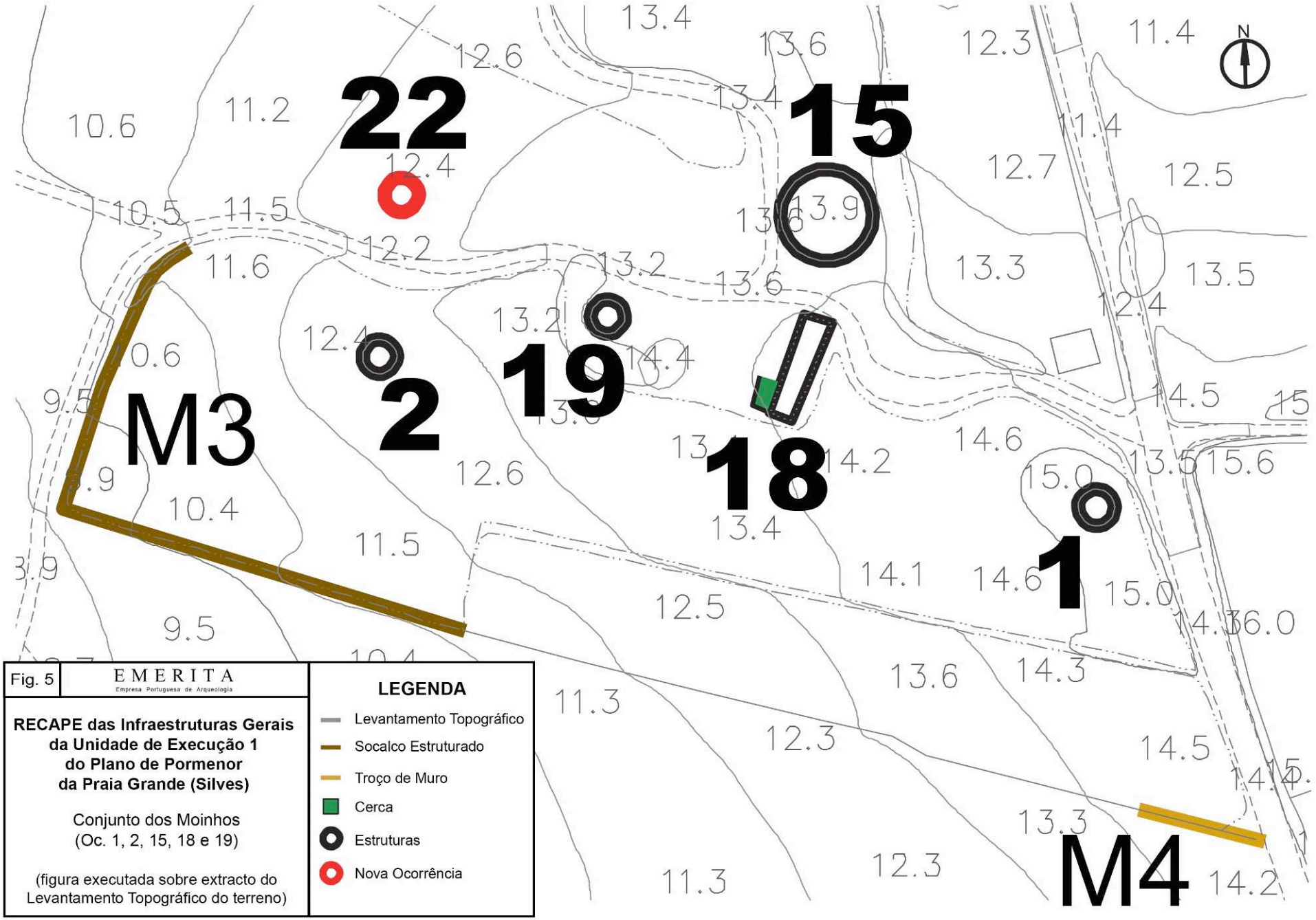


Fig. 5	EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia

RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Conjunto dos Moinhos
(Oc. 1, 2, 15, 18 e 19)

(figura executada sobre extracto do Levantamento Topográfico do terreno)

LEGENDA

- Levantamento Topográfico
- Socalco Estruturado
- Troço de Muro
- Cerca
- Estruturas
- Nova Ocorrência

Fig. 6 | EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia

RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Ocorrência 12

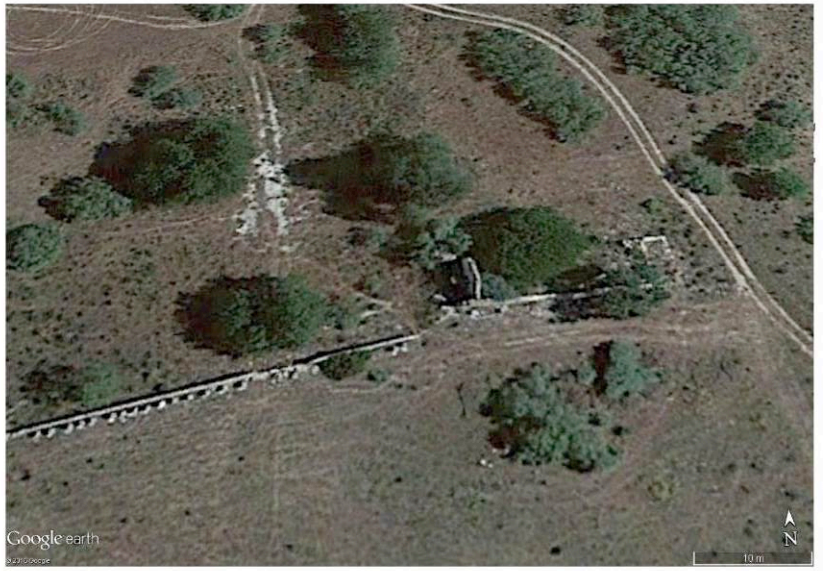
(figura executada sobre extracto do Levantamento Topográfico do terreno)

LEGENDA

Fases Construtivas

- Fase 1
- Fase 2
- Fase 3
- Cozinha(?)
- Escada de entrada
- Entrada e janela com reforço em tijolo
- Muro





Oc.12 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth

Fig. 7 | EMERITA
Empresa Portuguesa de Arqueologia

RECAPE das Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

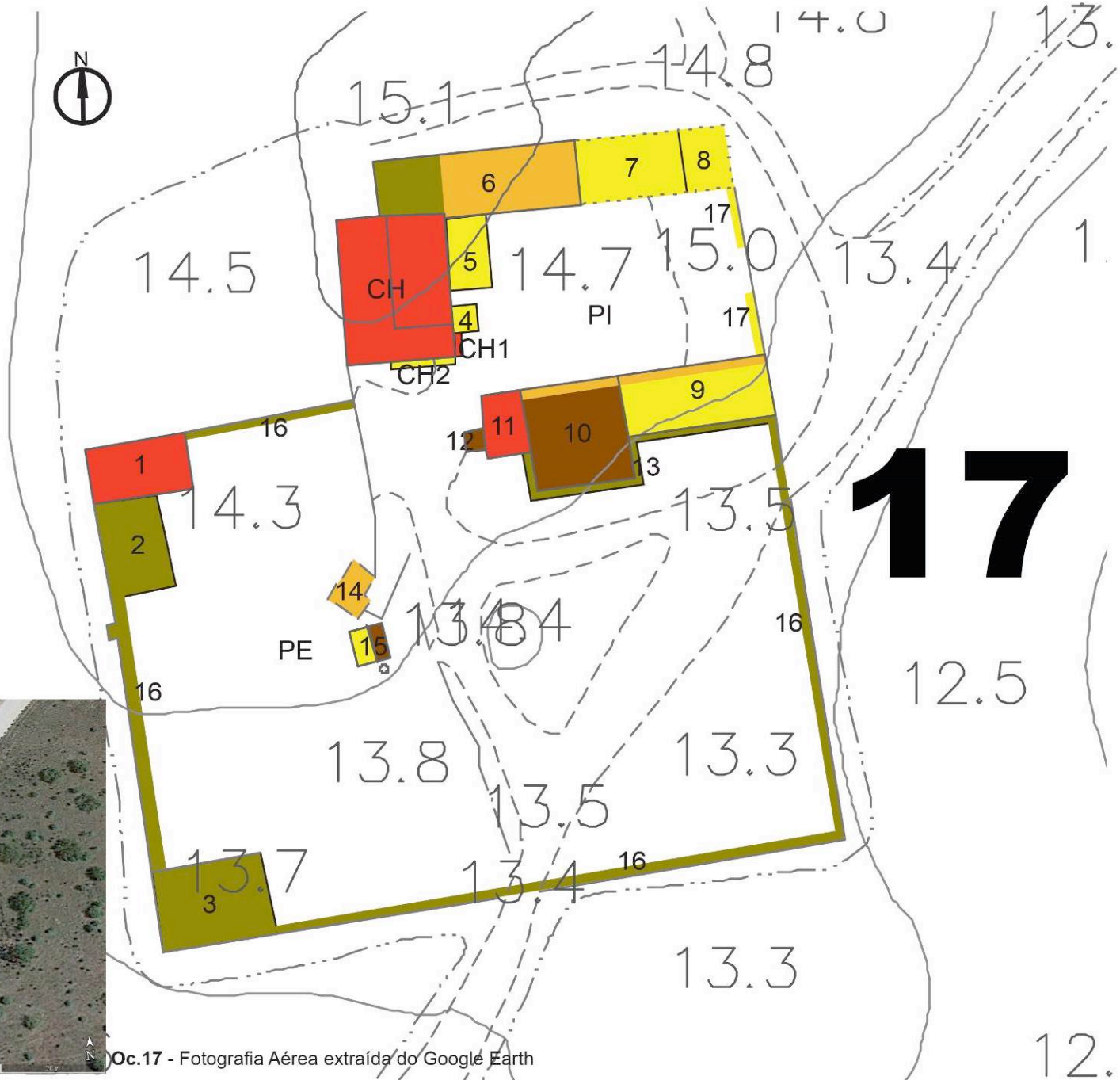
Ocorrência 17

(figura executada sobre extracto do Levantamento Topográfico do terreno)

LEGENDA

Fases Construtivas

- Fase 1
- Fase 2
- Fase 3
- Fase 4
- Fase 5
- Levantamento Topográfico
- Desenho Esquemático





Oc.17 - Fotografia Aérea extraída do Google Earth

Anexo 5. Figuras do Levantamento Topográfico e Fotogramétrico

Ficheiro DWG. Levantamento Topográfico Geral - PraiaGrande_Lev_EP_1-2-12-15-17-18-19

Pasta EP_1: Levantamento Topográfico da Oc. 1; 8 Ortofotos

Pasta EP_2: Levantamento Topográfico da Oc. 2; 8 Ortofotos

Pasta EP_12: Levantamento Topográfico da Oc. 12; 3 Ortofotos

Pasta EP_15: Levantamento Topográfico da Oc. 15; 1 Ortofoto

Pasta EP_17: Levantamento Topográfico da Oc. 17, 3 figuras; 13 Ortofotos

Pasta EP_18: Levantamento Topográfico da Oc. 18; 4 Ortofotos

Pasta EP_19: Levantamento Topográfico da Oc. 19; 5 Ortofotos

Anexo 6. Ficha de trabalho arqueológico

SÍTIO

Designação: Infraestruturas Gerais da Unidade de Execução 1 do Plano de Pormenor da Praia Grande (Silves)

Distrito: Faro

Concelho: Silves

Freguesia: (União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra)

Lugar: Armação de Pêra

CMP 1:25000 folha nº 604

Latitude: ---

Longitude W (Greenwich): ---

Altitude (m): 1 a 23 m

Tipo de sítio: Estruturas agrícolas

Período cronológico: Moderno e Contemporâneo

Descrição do sítio (15 linhas): Os terrenos da AI apresentam uma ondulação suave, que poderemos designar como peneplanícies, originada pela erosão das águas correntes das linhas de água que delimitam a área, designadamente a ribeira de Alcantarilha a Noroeste e a ribeira de Espiche a Sudeste, sendo os solos predominantemente arenosos. A área de estudo é actualmente composta por terrenos incultos. Trata-se de antigos terrenos agrícolas onde se observam variados talhões que eram ocupados por vinha (com sulcos e restos de cepas secas), sendo perceptível que os restantes terrenos eram lavrados e/ou modelados para a prática agrícola.

Bibliografia: ECOBASE (2013). Estudo de Impacte Ambiental da Unidade de Execução (UE) 1 do Plano de Pormenor (PP) da Praia Grande (Silves). Revisão 1 do Relatório realizado por Ecobase Consulting/Finalgarve, S.A.

NEMUS (2007). Caracterização Patrimonial para o Plano de Pormenor da Praia Grande, Silves. Relatório dos trabalhos realizados por Sofia de Melo Gomes para NEMUS, Gestão e Requalificação Ambiental, Lda./Finalgarve, S.A.

Proprietários: Finalgarve – Sociedade de Promoção Imobiliária Turística, S.A.

Classificação: não tem

Legislação: ---

Ameaças: Abandono

Protecção/vigilância: Acompanhamento Arqueológico

Acessos: Estrada Municipal 526

ESPÓLIO

Descrição: Não foi recolhido espólio arqueológico.

Local de depósito: ---

TRABALHO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo responsável: Mário Jorge Mascarenhas Monteiro.

Tipo de trabalho: Prospecção arqueológica e registo.

Datas: 9 e 10 de Maio 2017

Projecto de investigação: ---

Objectivos (10 linhas): Implementação de medidas de minimização previstas na DIA a apresentar em sede de RECAPE, designadamente: Prospecção sistemática nos acessos do loteamento e acessos gerais em corredores de 200m centrados no eixo dos acessos; registos das ocorrências patrimoniais: 1 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 2 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 19 - Morgado das Relvas, Celeiro e Moinho de vento; 12 - Praia Grande 5, Casal rural; 15 - Morgado das Relvas, Eira; 17 - Morgado das Relvas, Conjunto habitacional; 18 - Morgado das Relvas, Edifício de apoio agrícola. De modo a verificar a proximidade das ocorrências de âmbito arqueológico e respectivas manchas de dispersão de

materiais relativamente aos traçados das infraestruturas viárias, efectuou-se a prospecção nas áreas das Ocorrências patrimoniais: 3 – Morgado das Relvas 2; 13 – Pixorra 1; 21 – Morgado das Relvas 4.

Resultados (15 linhas): No âmbito dos trabalhos realizados não se identificaram vestígios arqueológicos, todavia, identificou-se uma nova ocorrência cuja categoria, tipologia e valor cultural são indeterminados.